

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da **RENOVAÇÃO GRAFICA**
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
Telefones: T. 152
Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS JORNALISTAS PORTUGUESES NA BELGICA

A recepção do governador de Anvers em honra do Lord Mayor de Londres

ANVERS, maio. — Entre os numerosos convites que recebemos todas as manhãs a bordo, porque é a bordo deste excelente e hospitaleiro *Thysville* que a «Compagnie Belge Maritime» nos hospedou amavelmente durante a nossa estada em Anvers, chegou hoje um que diz o seguinte:

O governador da provincia de Anvers e a baronesa Holvoet têm a honra de convidar o sr. a assistir ao chá que oferecem no Palacio Provincial, na segunda-feira, 28 de maio de 1930, ás 17 horas, ao Lord Mayor de Londres e á sua comitiva.

O palacio do governador de Anvers é uma casa branca, de linhas elegantes e modernas, que põe uma nota de frescura architectonica neste ambiente sombrio e aristocratico do *Marché aux Souliers*. Um andar só. Janelas amplas e traçadas com um sentido decorativo moderno, que contrastam singularmente com as janelinhas altas e estreitas dos velhos palacios flamengos. Criados de casaca, cortados em diagonal por uma banda de seda com cores belgas, introduzem os convidados que um mordomo severo anuncia gravemente e que a baronesa Holvoet, uma beleza flamenga de tez saudavel e de cabelo loiro, recebe com uma palavra amável.

Entramos numa grande sala decorada com elegante simplicidade, onde o tom carmeiz dos reposteiros põe uma nota grave. A melhor gente de Antuérpia reuniu-se hoje aqui, a convite do governador da provincia, para fazer em torno dessa alta personalidade inglesa que a cidade recebeu ontem festivamente uma atmosfera de elegancia e de conforto espirital que lhe dá a nota acolhedora da hospitalidade flamenga.

São já numerosos os convidados. Conversa-se discretamente. Fala-se do tempo, que continua impiedosamente chuvoso, da enorme afluencia que acorre todos os dias ao recinto da Exposição, — um grande exito que requer a nossa atenção demorada e conscienciosa do ultimo discurso do sr. Jaspas — um sujeitinho baixo e exuberante, de cabelo branco, de bigode branco e de cara rosada como um ranete — e do sorriso cansado do duque de Tsrabante, que ontem inaugurou o Pavilhão do Congo, acompanhado por uma nuvem de *fracks* e de fardas medalhadas que lhe faziam uma vistosa comitiva.

Sorriem as simpaticas flamengas, de olhos azuis como porcelanas de Delft, para as raparigas altas e baixas da colonia britanica. Officiais da marinha sueca, os mesmos que estiveram em Lisboa quando foram trasladados para Portugal os restos mortais do poeta Antonio Feijó, conversam despretenhosamente com jornalistas portugueses, evocando num francês aspero as

belezas dum clima suave. Exibem-se *toilettes* vistosas, de transparentes musselinas. Criados de calção e meia circulam por entre os convidados, oferecendo charutos e cigarros loiros. Alta individualidades do mundo oficial trocam impressões sobre politica e arte, por entre espirais azuladas que sobem lentamente para o tecto apainelado.

Entre a assistencia, notam-se as sobrecasacas irrepreensíveis e manchadas de ouro dos *sheriffes* e *haldemen* da comitiva do Lord Mayor, que conversam animadamente com os *fracks* severos dos *edís flamengos* — *Senatus Populusque Antuerpianus*.

A certa altura, corre-se um reposteiro. Calam-se algumas conversas mais animadas. Faz-se na sala um movimento de curiosidade. O Lord Mayor entra. Veste sobrecasaca. Não ostenta ao peito nenhuma distincção. Sorri. Cumprimenta. Catiua. Na sua frente, curvam-se ligeiramente as pessoas que lhe são apresentadas.

Quem é este alto dignitário que a cidade de Londres envia á cidade de Anvers, no momento em que uma grande manifestação de actividade colonial, agricola, maritima e artistica põe em foco a velha cidade flamenga, de tão antigas e gloriosas tradições?

E' nada mais nada menos que *Sir William Waterlow*, socio da «Waterlow and Sons», a casa de Londres que imprimiu a famosa emissão de notas de 500 escudos do Banco de Portugal, sobre cujas responsabilidades se deve pronunciar em breve o tribunal de Santa Clara.

Sir William entretém-se com a baronesa Holvoet, que lhe consagra o seu melhor sorriso e o seu melhor inglês. Outros convidados se aproximam do Lord Mayor de Londres, que a certa altura se dirige para o reduzido grupo dos jornalistas portugueses, estendendo a mão, num amavel *shake-hands*, a *Joshua Benoliel*.

— *I'm glad to see you...*

Já se conheciam. Tinham-se encontrado em Haia, durante o julgamento de Marang. O reporter tentou a entrevista. O Lord Mayor esquivou-se amavelmente. Em todo o caso não foi duma reserva absoluta. Ha dezoito meses que está afastado dos negocios da casa «Waterlow and Sons». Segundo declara, não tem o conhecimento exacto do que se passa em Lisboa. Não desconhece, no entanto, as declarações de Alves Reis. E a sua convicção é de que o homem que está sendo julgado em Santa Clara não era o unico detentor do segredo que tornou possivel o caso Angola e Metropole. Não diz mais nada. Não faz uma declaração concreta. Não arrisca uma opinião.

Corre-se outro reposteiro. Vai ser servido o chá. *Sir William*, alto, rosado e loiro, entra no bufete. E *Benoliel* também.

NORBERTO LOPES

O SR. dr. Eugenio Mac Bride, numa entrevista que deu ao *Seculo* diz o seguinte acerca da tuberculose:

“E' uma verdadeira epidemia — uma epidemia aguda, que exige resolução imediata. Diga no seu jornal: a situação é apavorante. Nos hospitais, não ha lugar para mais tuberculosos, e é uma deshumanidade não admitir os que por aí abundam...”

E ainda ha almas confiadas, as quais supõem que a tuberculose não representa uma terrivel ameaça para o futuro da nossa raça! Quando é que se produzirá um grande movimento nacional para a atacar, não nos seus efeitos visiveis, mas nas suas causas ocultas?

* * *

RECEBEMOS do sr. dr. Ladislau Patricio a seguinte carta:

“Sr. director. — Na correspondencia enviada da Guarda para o *Diário de Lisboa*, a proposito dos *Saraus de Arte* em homenagem a Augusto Gil, e publicada no numero do dia 29, diz-se que eu afirmei na minha conferencia que o saudoso poeta do *Luar de Janeiro* era um poeta universal.

O que eu afirmei foi o seguinte: “Augusto Gil é, de facto, um poeta essencialmente nacional, português; mas, porque os temas dos seus versos são profundamente humanos, e, tambem, um poeta universal.”

Pedindo a fineza desta rectificação, subscrevo-me

De v. etc., *Ladislau Patricio*,”

* * *

O CAPITÃO Ehrardt, que temou parte no golpe de Estado de von Happ, sustenta a opinião que se impõe uma aliança entre a França e a Alemanha — aliança que, no seu entender, será mais frutuosa que o tratado de Versailles.

Se não mudar de pensar, quando subir a general, deve oferecer o aspecto dum homem que amou uma só vez, mas com a recompensa da sua firmeza.

* * *

E' AMANHÃ que o Instituto dos Pupilos do Exército comemora com toda a solenidade o seu 19.º aniversario, devendo o fundador daquele estabelecimento e primeiro ministro da Guerra da Republica, sr. general Correia Barreto, fazer entrega da nova bandeira, cerimonia que se realizará antes de uma sessão solene no Gimnasio, pelas 13 e 30.

* * *

A ESCRITORA sr.ª D. Maria Eugenia Haas da Costa Ramos que usava os pseudonimos de “Mimi Haas,” e “Diana de Lys,” e foi nossa illustre colaboradora, faleceu ontem e ficou hoje sepultada no Cemiterio do Lumiar.

A dor de quem lhe era mais caro, juntamos a expressão do nosso sincero sentimento.

* * *

PARTIU hoje no sud para Paris, Londres e Genève, tendo uma afectuosa despedida, o dr. Carlos Ribeiro Ermida, director do Banco Português do Continente e Ilhas, e da Associação Industrial Portuguesa, e que nesta ultima cidade vai assistir á Conferencia Internacional do Trabalho

EM Portalegre realizou-se, na quinta-feira, uma tocante homenagem ao brilhante jornalista e nosso querido camarada Aprigio Mafra, que merece ser registada pela espontaneidade e pela grandeza de que se revestiu.

A população de Portalegre, terra da naturalidade de Aprigio Mafra, querendo atestar os altos serviços que ele lhe tem prestado, desinteressadamente, dirigiu-se, em manifestação á Quinta da Saude, onde foi inaugurada a avenida com o nome de “Aprigio Mafra,” tendo-se despedido a respectiva lápide.

Contaram-se por milhares os manifestantes, tendo-se associado todos os organismos da cidade, a banda da musica, e ainda as autoridades do distrito.

Pronunciaram-se entusiasticos discursos, exaltando as qualidades morais e profissionais de Aprigio Mafra, que foram vivamente applaudidos. Uzou tambem da palavra o sr. governador civil, que fez uma alevantada e simpatica oração.

O nosso querido camarada Aprigio Mafra, que se encontra muito sensibilizado, não assistiu á homenagem de que foi alvo, por só hoje ter conhecimento dela.

* * *

O DISTINTO advogado sr. dr. Mario Monteiro foi convidado a colaborar na revista parisiense *Études Criminologiques* que é dirigida por mr. Berthelemy, decano da Faculdade de Direito de Paris, mr. Roger, decano da Faculdade de Medicina, mrs. Hugueney e Vabres, professores de Direito, Balthazard, professor da Faculdade de Medicina e Poittevin presidente honorario da Relação de Paris.

A revista, já antiga, é o orgão do Instituto de Criminologia da Universidade parisiense.

* * *

APARECEU o fasciculo XIX da *História da Literatura Portuguesa, Ilustrada*, em que o sr. dr. Manuel da Silva Gayo termina o seu rigoroso e erudito trabalho sobre Bernardim Ribeiro e inicia o que se refere a Cristovão Falcão.

* * *

TERMINARAM hoje os exames de harpa no Conservatorio Nacional de Musica, tendo ficado aprovadas, respectivamente, com 18 e 16 valores, as sr.ªs D. Cecilia Borba e D. Arminda de Jesus Silva.

* * *

A CONFERENCIA do sr. dr. Joaquim Manso, sobre *Portugal*, realizar-se-ha amanhã, domingo, pelas 21 horas e meia, no Porto, na sede da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras.

* * *

E' amanhã que o engenheiro sr. Duarte Abecassis realiza na “Casa do Algarve”, ás 15 horas, a sua annunciada conferencia sobre “Portos do Algarve.”

* * *

CHEGOU no sud, vindo de Paris, o distinto clinico sr. dr. Coutinho de Oliveira, gerente da Sociedade de Autores e Compositores Teatrais.

Radiotonia

Programas escolhidos

Para esta noite recomendamos aos amadores a audição das seguintes emissões estrangeiras:

A's 19.00, de Madrid (424 m.): Música de dança. A's 22.00: Selecção de uma zarzuela.

A's 19.15, de Toulouse-Radio (381 m.): Trechos de operetas (Moretti, Padilla, Offenbach, Hahn). Música militar (Ganne, Turina, Frémo, etc.). A's 20.00: Concerto pela estudantina «Frater's Mandols».

A's 19.20, da Torre Eiffel (1.453 m.): Radioteatro: «La cigale chez les fourmis» e «L'affaire de la rue de Lourcine», de Labiche.

A's 19.30, de Paris P. T. T. (447 m.): «Uma volta na feira».

A's 20.00, de Radio-Maroc (381 m.): Concerto I parte (Benoit, Smetana, Waldteufel, Vasseur, etc.); às 21.00: II parte (danças modernas).

A's 20.05, de Midland Regional (479.2 m.): Concerto de orquestra e de piano (Elgar, Grieg, Puccini, Chaminade, Scott, Thomas, etc.).

A's 20.05, de Londres Regional (356.3 m.): Música de câmara (Schumann, Hindemith, Brahms, Strauss).

A's 20.15, de Milão (500.8 m.): Música de câmara (Gounod, Marinelli, Dvorak, Filaré, Verdi, etc.).

A's 20.40, de Londres National (1.554.4 e 261.3 m.): Concerto (A. Thomas, Marshall, etc.).

A's 21.40: Música de dança.

A's 21.00, de Radio-Paris (1.724.1 m.): Concerto (Chopin, Moussorgsky, Mozart).

A's 21.05, de Barcelona (349 m.): Concerto (Rosello, Szulc, Tagson, Raurick, Albeniz).

A's 21.10, de Argel (363.6 m.): «L'accident», comédia em 1 acto, de H. Duvernoy.

PERLITA BRETON

Notícias recebidas de Espanha informam-nos que esta ilustre e admirável artista, estrela da canção, anda em brilhante «tour-née» artística e tem alcançado notável sucesso nas terras onde se tem feito ouvir a sua magistral voz, joia preciosa que reflecte as excelências da sua arte.

E' com prazer que damos esta notícia, porque Perlita Breton, estrela de primeira grandeza e temperamento musical de artista de génio formidável, que domina as multidões e se impõe à crítica e ao grande publico, ainda ha pouco tempo alcançou entre nós assinalados triunfos e colossal êxito, cantando deliciosas canções e surpreendentes tangos como só ela os sabe interpretar. Essa temporada de boa e pura arte perdurará na recordação do publico de Lisboa, que teve ensejo de manifestar admiração pelos esplendores da sua arte, prodigalizando-lhe grandes e colossais ovações.

Depois do seu regresso a Espanha, cantou a ilustre artista em Bilbao e Orense e presentemente acha-se contratada em Ferrol. Grandes e merecidos são os triunfos que esta consagrada artista tem conquistado em todas estas localidades, com a inextinguível arte que lhe merece religioso culto e com a magistral e melodiosa voz que sugestiona e prende e em que perpassa a suavidade de timbre evocadora e sentimental, que lhe consolidou o prestígio e lhe assegura triunfos e ovações.

A notável e genial artista que interpreta criando, não deixará, por certo, de voltar a Lisboa, onde os portugueses, seus amigos e admiradores, desejam tornar a admirar, a par da sua suprema elegancia, alegre juventude e impressionante beleza, a grande arte em que os nervos lhe vibram e a bela encantadora voz que ás originaes canções dá vida.

ENTRADA LIVRE

na **IANSEN**

que inaugura amanhã, Domingo, os espectáculos de tado e Concertos pela Isabel de Sousa, distinguida guitarrista discípula do grande mestre

Carmo Dias

Todas as noites

CAMBÍOS

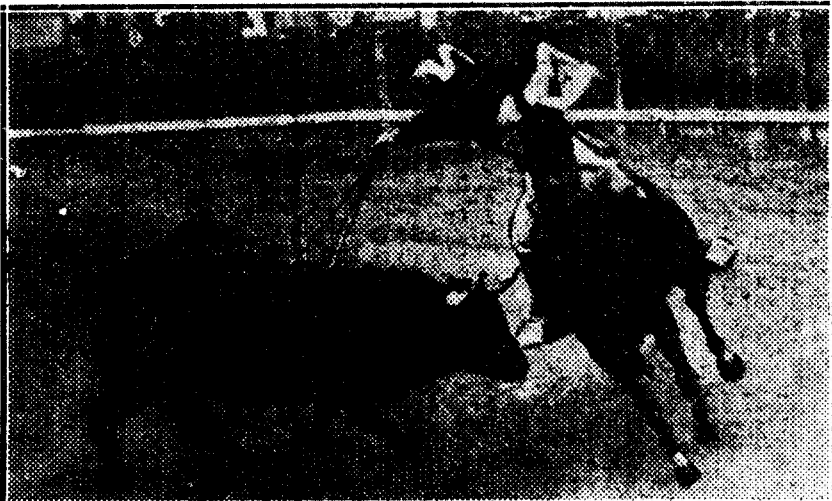
31 de Maio

NOTAS ESTRANGEIRAS

PRAÇA	Compra	Venda
Londres	108#20	108#40
Paris	287,5	288
Madrid	287,0	287,3
New-York	22#18	22#25
Zurich	4830	4831
Roma	1816,5	1817
Bruxelas	862	862,2
Amsterdão	8890	8895
Berlim	5831	5833
Praga	865,5	866,2
Rio de Janeiro	2845	2860

TAUROMAQUIA

A festa de João Nuncio amanhã no Campo Pequeno, com D. Alexandre de Mascarenhas, «espada» Marcial Lalanda com picadores e touros espanhóis em estreia de ganaderia



Uma fotografia que não deixa duvidas sobre a forma como Nuncio, bandarilhando a duas mãos, consente os touros ao estribo

Nada falta na corrida de amanhã no Campo Pequeno, para lhe dar todo o aspecto de corrida séria e de importância artística. Nem tanto era preciso para dar solidez e crédito a um cartaz de touros na primeira praça dum país. Mas não o entendeu assim João Branco Nuncio, o festejado e organizador, que se julgou obrigado pelo seu nome pelo respeito devido ao publico «aficionado» a apresentar elementos «de verdade» sem descurar o mínimo detalhe que pudesse contribuir para um conjunto excelente e um resultado agradável e honroso para ele. Marcial Lalanda—e nunca é de mais repetir que este Lalanda nada tem de comum com Pablo Lalanda que toureou ha semanas no Campo Pequeno—traz os seus picadores e bandarilheiros, que são dos melhores de Espanha, e com eles lidará a espanhola dois dos mais poderosos touros da corrida, es-

talo de toureio que ha muito tempo não se faz em Lisboa e que se prestará maravilhosa-mente para que Marcial faça uma demonstração brilhante e completa da sua vasta e brilhante arte. D. Alexandre de Mascarenhas foi o cavaleiro convidado por João Branco Nuncio para com ele lidar os touros destinados a arte de Marcial e esta terá assim também uma das suas melhores tardes.

O grupo de bandarilheiros nacionais contém alguns nomes dos mais apreciados, os forçados são os de Vale de Santarem, de que Edmund de Oliveira é cabo, e a direcção da lide está entregue ao antigo toureiro Manuel dos Santos.

Amanhã, D. Alexandre e João Nuncio lidarão a duo um dos touros de cavalo. Principia a corrida ás 19 horas.

Cavaleiro Antonio Luis Lopes

Deste artista tauromaquico recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta: «Sr. director do «Diário de Lisboa».—Na hora da minha partida para Palma de Mallorca, Espanha, onde toureio no dia 1 de junho, não quero deixar de vir publicamente agradecer as desmedidas provas de simpatia e de apreço com que o bom publico me distinguio no domingo ultimo, tarde de minha festa artística no Campo Pequeno, não só enchendo por completo a praça, como também dispensando-me a maior e mais carinhosa ovação de que guardo memoria. E já que estou falando da minha festa artística permita-me v. que lhe afirme estar ela organizada em condições de agradar completamente, constituindo uma grande tarde de touros. O curro era do exm.º sr. Norberto Pedrosa, que é, sem duvida, o lavrador que tem mostrado possuir maior percentagem de touros bravos.

Infelizmente, porém, o gado saiu manso, celsa aliás corrente até em Espanha, onde ha exemplos dum curro completo ser fogueado, devido á sua mansidão. Isto de touros é como as melancias: depois de abertas é que se sabe se são boas.

Quanto aos «espadas», «Parrilla» agradou por completo, enquant. Não teve a infelicidade de ser colhido e Saturio Torón vale tanto ou tão pouco que esta época não tem domingos disponíveis em Espanha! E' um toureiro valentissimo e de enção que no domingo não teve uma grande parte porque os touros eram mansos e ainda porque algumas alimbas corti-

ças foram segredar ao famoso «diestro» que os touros... eram corridos, quando eles eram todos puros, á excepção do primeiro que toureel e que, afinal, foi o que deu lide mais animada. Os intuitos com que se foi ao hotel indispor o «espada» é que eu não sei.

De resto, sr. redactor, tardes más todos as têm e os maiores «azes» são apedrejados em Madrid.

Termino, sr. redactor, renovando os meus sentimentos de gratidão ao generoso publico que acorreu á minha festa, afirmando ainda que se não toureel em pontas, o que não estava nos cartazes nem foi definitivamente anunciado, aliás, foi porque a arena do Campo Pequeno não estava em condições para essa lide, demais tendo eu de embarcar os cavallos, no proprio domingo da corrida, á noite, para Palma de Mallorca. Espero, porém, melhor oportunidade, e oxalá que seja ainda esta época, visto os touros em pontas nunca me meterem medo. Agradecendo a publicação desta carta, sou, etc.—Antonio Luis Lopes.»

Café Tavares

Menú especial de almoços das 12 ás 3 horas

SALAS RESERVADAS
para banquetes e lanchs para casamentos

ROYAL CINE

APRESENTA

CONCHITA PIQUER—a famosa artista que Lisboa conhece, e actual estrela do Reina Victoria, de Madrid, na protagonista do emocionante cine-drama sonoro e cantado

ALMA ANDALUZA

extraído da celebre novela de Blasco Ibañez «LA BODEGA».

Filme característico onde perpassa toda a vida de Espanha: Touros, vindimas, canções, danças, saetas, etc.

O programa é completado com **TITTA RUFFO** no «Credo» do «Otello», **Ducci de Kerekjarto** e outros filmes.

HOJE ás 21,30 — Amanhã ás 15 h. e ás 21,30.

GRANDE RESTAURANT CARNIDE

Explendida cozinha Grande Esplanada

A NOVA GERENCIA AGRADECE UMA VISITA ÁS SUAS INSTALAÇÕES

A melhor frequencia. Salas para Banquetes e «Soirées»

TELEFONE: BEMFICA 201

Mundanismo

Aniversários

Fazem amanhã, nos as sr.ªs: Condessa da Povoá, D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto Basto, D. Sofia Pinheiro Gorjão Henriques, D. Albertina Bianchi (Vale Paraiso), D. Adeline de Oliveira Mascarenhas, D. Luisa Pinto Leite, D. Isabel O'Neill Van-Zeller de Moura, e D. Alice Gama Braga de Sá Teixeira.

E os srs.: Visconde de Alte.

Na Liga Naval

E' amanhã que no salão nobre da Liga Naval Portuguesa, se realisa o magnifico concerto organizado pelas sr.ªs D. Adelaide Lima Cruz e sua filha D. Maria Antonieta, que por doença da sr.ª D. Margarida Iglesias Colares Pereira, que tomava parte no magnifico programa, teve de ser adiado.

A noite de amanhã na Liga Naval vai por todos os motivos ser uma noite de arte e elegancia.

Na Costa do Sol

No Estoril

Amanhã de tarde realiza-se na magnifica esplanada «Tamariz» no Estoril, mais uma festa desportiva infantil, a qual constará de saltos em comprimento, saltos em altura e de varias corridas, estando inscrito para as diversas provas grande numero de crianças, que d'amente ali se têm treinado.

A direcção do «Tamariz», oferece varios premios para os vencedores e brindes a todos os concorrentes.

A tarde de amanhã na esplanada «Tamariz», vai decerto ser elegantemente concorrida.

Pontos de reunião

No São Luis-Cine

Mais uma vez ontem este aristocratico «cine» foi um elegante ponto de reunião da nossa primeira sociedade, confirmando o filme sonoro «Premio de beleza» mais uma vez o êxito obtido na estreia, recordando-nos ter visto na assistência entre outras pessoas, as seguintes

Madame von Baligan, Madame Lafayette de Carvalho e Silva, condessa de Mangualde, condessa de Seisal, condessa de Carnide, D. Luiza Patricio de Fratel, Madame Veiga Simões, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria do Ceu Pinto de Almeida Fernandes, D. Adelaide Lopes, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço Pereira de Carvalho, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Maria das Dores de Melo e Castro Trigo, D. Maria Dorotea Pereira de Lacerda e filha, D. Maria Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Berta Bastos Mendes, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria de Carvalho Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Alda Barroso, D. Maria da Nazaré de Almeida Daun e Lorena, D. Margarida Queriol Macieira e filha, D. Margareth May de Carvalho, D. Marieta de Barros Pereira de Carvalho, D. Maria Cristina Rino Frois Pinto da Silva, D. Isaura Vaz de Araujo de Sant'Ana, D. Gracinda de Castro Vaz de Araujo, D. Maria Van-Zeller de Castro Pereira, D. Maria do Carmo Belmarço, Mesdemoiselles Sousa e Silva, etc.

No Cinema Condes

Esta noite estreia-se neste belo cinema a produção sonora do filme de grande êxito «Mascara de Ferro» pelo notavel actor Douglas Fairbanks, na qual se ouve pela primeira vez a sua voz, sendo de esperar uma enorme e selecta concorrência.

CASA DE SAUDE DE BENFICA

MEDICINA E CIRURGIA

Rua de Duarte Galvão, 54 Tel. B. 65

ESTA CASA DE SAUDE está situada em um extenso parque, a dez minutos do centro da cidade. Local privilegiado pelos seus bons ares e absoluta tranquillidade. Optimas instalações. Diárias desde 60 esc., sem quaisquer taxas suplementares. Curas dietéticas. Curas de repouso em amplas galerias voltadas ao sul. Serviço medico permanente. Serviços organizados para quaesquer intervenções cirurgicas, de dia ou de noite. Não se recebem doenças contagiosas ou mentais.

Grande Hotel d'Italia Mont'Estoril

O Fado de hoje na

Jansen

Vai marcar um acontecimento

FADISTA

Tomam parte neste espectáculo extraordinario os seguintes elementos: Maria Emilia Ferreira, Leonor Fialho, Ermelinda Victoria, Raquel de Sousa, João Maria dos Anjos, Julio Proença, Joaquim Campos, Alfredo Marceneiro, Filipe Pinto, Carlos Freire, Artur Ataide, Manuel Caseais, Victor Daniel, Armando Barata, João Cardona, Alfredo Correio, Antonio Lado, José Marques, Domingos Gomes, Abel Negrão, Henrique Simas, Acacio de Jesus, Victor Ramos, Armando Machado, José Mendes e Almeida Sobral.

Re erva-se uma grande surpresa para este espectáculo

Bilhetes á venda na Tabacaria

ABADIA

Chá das cinco

Festa no Campo

Ha festa no campo e o campo está em festa, víçoso o pasto sem par do «Queimado» e alegre a vala onde mil almas se agitam. E até a vela rubra duma fragata espreita, além nas águas do Tejo.

Nunca Vila Nova da Rainha vira tanto automovel e tanto cavaleiro em sua indumentaria característica — chapéu de abas largas, jaqueta e celfões.

Apartam-se dois touros — o 4 e o 30 — que são enfaulados para a outra festa, a festa do João Nuncio.

Agora surgem as fêmeas bravas acoissadas por dois «garrochistas» andaluzes.

Aurelio Sanchez Mejias, toureiro como seu irmão, aponta a vara aos quartos trazidos da bezerra que dá duas voltas e tomba para se revolver desafiadora, investindo com o cavalo do picador. Os espectadores aplaudem, e os irmãos Infante da Camara tomam as notas classificatorias.

A «collera» de Pepe Lopez e Luis Cobian é substituída pela de Justo Moreno e Eduardo Padilla, todos hábeis e valentes, toureiros e cavaleiros. E a festa continua alegre e ruidosa até à hora da debandada, o sol a esconder-se já no horizonte.

Depois começa a festa para os convidados, na sala em que os lavradores montaram opulenta mesa onde ha flores que se envergonham da presença doutras flores que fazem as honras da casa. E Pepe Naranjo, que veio com Manolito Ramos, «echa flores» a uma jovem a quem oferece o seu cartão de visita: José Naranjo «solteiro».

No final, um brinde, muitos brindes do dono da casa: ao primeiro cavaleiro português, João Nuncio; ao primeiro «aficionado» que por se-lo vai ver corridas de touros em terceta, Carlos Viana, e a um primeiro que é o ultimo,

ROGERIO PEREZ

A importante Companhia Lusitana de Fosforos

E' ESTA Companhia, com sede no Porto, na rua Silva Porto, 285, que fabrica os esplendidos fosforos «Tigre» e «Leão» que constituem sem duvida as melhores marcas que existem no mercado.

Consagrados em todo o paiz, esses fosforos que só honram a industria nacional pelo seu excelente fabrico e elegante apresentação, têm tido uma tão grande expansão no sul, que a Companhia Lusitana de Fosforos sentiu a necessidade de criar em Lisboa uma Agencia.

Foi nomeado assim seu Agente Geral na nossa capital o sr. Casimiro A. Favares que possui um esplendido escritorio de comissões e consigações, na rua de S. Nicolau, 71, 2.º Esq.

A escolha não podia ter sido mais criteriosa pois o sr. Casimiro A. Favares é um homem de rasgadas iniciativas e duma energia profunda além de ser competentissimo nos ramos de negócios a que se quiz dedicar.

A Companhia Lusitana de Fosforos vai ter pois no illustre Agente Geral em Lisboa um grande colaborador que ainda mais desenvolverá a já enorme expansão que os celebrados fosforos «Tigre» e «Leão» têm sem duvida no sul do paiz.



BEBAM as aguas de Vidago (1 e 2), Pedras Salgadas, Melgaço e Sabroso as UNICAS aguas alcalinas portuguesas premiadas com GRAND PRIX na Exposição de Sevilha.

A agua das nascentes VIDAGO apresenta no rotulo o VIDAGO PALACE HOTEL Fixe bem o rotulo

Pedidos a VIDAGO, MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS PORTO — Rua da Canela Velha, 29 — Telef. 319 LISBOA — Av. da Liberdade, 132 — Telef. T. 4296 Entregas imediatas ao domicilio

Café-Restaurant Campo Grande

Aberto toda a noite

Telef. 131 LUMIAR

CRONICA

A NOSSA MÃE

«Coisas da vida. Umas que vêm, outras que vão, outras que atravessam... e todas passam!»

Padre Antonio Vieira

A nossa Mãe, não!

Os anos passam. Velhas ideias sumbentem. Novas e ridentes filosofias surgem, para depois caírem — como amareladas folhas, — no outono da vida.

Tudo é ilusão, quimera e mentira! Ha só uma coisa que fica, que é eterna, que não acaba, mesmo quando esta farsa da vida termina: é a canção do berço, aquela que nossa Mãe ensinou, quantas vezes chorando!

A sua acção através a vida é formidável e a propria razão quantas e quantas vezes tem que ceder a um rogo, a uma supplica de uma Mãe!

Perante a obra rigida de um historiador ou de um politico, o critico observa, por vezes, uma incoerencia ou um brusco desvio da linha rectissima, que previamente fôra traçada. No entanto, ao estudarmos as razões desta variação subita, topamos invariavelmente com uma simples palavra de três letras: Mãe! E como nós também tivemos a nossa, a critica cessa e o coração, finalmente liberto, fala, defende e... convence!

Herculano com a sua violenta e brilhantissima campanha do «Milagre de Ourique» celfara, entre os indiscutíveis louros, algumas bem amargas desilusões! Aqueles que desinteressadamente defendera, quando da extinção das ordens religiosas, eram os primeiros — que esquecidos dos beneficios recebidos — apedrejavam, mais por ignorancia do que por maldade.

Entre estes havia um egresso que ficára na miseria e a quem Herculano enviava todos os dias o jantar, tão occultamente que por mais que ele diligenciasse descobrir o seu benfeitor, nunca o tinha conseguido.

O velho historiador, a um grande amigo intimo, explicava a razão do seu proceder.

—Se este pobre frade soubesse que era eu quem lhe mitigava a fome, teria a sensação de ter apanhado uma bofetada. O homem que ele considera tão ruim e a quem tão injustamente está censurando é o unico que se interessa por ela... Não faço uma esmola... cumprio apenas o que meu Deus ordena. Ambos o servimos. Ele atacando-me; eu protegendo-o... Onde está a verdade?

«Talvez o bom frade tenha razão em me atacar... Quem sabe?»

Porém, uma certa tarde, o egresso desvendou o misterio. Sem perda de um instante subiu a calçada do Galvão, bateu á porta da casa do egregio escritor e ao vê-lo caiu-lhe nos braços chorando.

Nos olhos azuis, frios e penetrantes de Herculano duas lagrimas furtivas brilharam e a custo apenas conseguiu balbuciar estas palavras:

—O meu bom amigo exagera. Eu nada fiz... informaram-no mal...

E olhando para o ceu muito azul, acrescentou:

—A minha santa Mãe, apesar de estar muito longe, actua neste meu pobre e já cansado coração. Se fiz bem, a Ela o deve. O mal que eu faço, este é só meu e só a mim deve condenar! Tenho lido os seus escritos e aprecio-os. Ataca-me? Mas ambos pugnamos pela mesma Verdade. De que lado está ela? Nenhum de nós o sabe! Talvez as nossas mães, se lhes fosse dado falar, o pudessem fazer!

De novo se abraçaram.

Desde então o pobre monge nunca mais escreveu ou falou sobre Herculano, a não ser no dia em que o grande historiador morreu, pois quiz ir a Valle de Lobos, apesar da sua avançada idade, tendo sido o ultimo que abandonou o jazigo em que ficara o maior português do seculo XIX.

As lagrimas caíam-lhe a quatro e quatro e pela estrada de Santarem, naquele triste fim de tarde outonal, o velho frade ia murmurando aos seus companheiros de viagem:

—Homem como este não torna a haver em Portugal! Se a sua obra é de bronze, o seu coração foi de ouro. Eu que o diga... eu que o diga!

No dia seguinte á vizita do regresso que tão palidamente acabo de narrar, Herculano, ao contar o episodio ao velho marquês de Sabugosa, dizia com uma certa tristeza:

—Tive pena que ele soubesse que era eu quem lhe mandava o jantar... A minha santa Mãe manifestava sempre muito pesar pela situação angustiosa destes bons frades... Bem sei que eles me têm atacado injustamente... mas o que não se pode permitir é que passem fome! Isto, não!

Com olhar brilhante, acrescentou com doçura:

—Jámais esqueci uma certa recomendação que a minha mãesinha me fez, quando eu era pequenino: Que repartisse sempre o pão, mesmo por aqueles que me quizessem mal... Assim fiz!... Talvez me ataquem também por isso...

Como resposta, o marquês de Sabugosa apertou de encontro ao peito este homem, que toda a sua vida fora uma luta titanica, que nada abatera, que tudo venceu, de tudo triunfou, mas que oscilava, chorara, perante uma doce recordação: a da sua pobre Mãe!

Tu, leitor, que também a tens, ou aqui, neste bécio sem saída, ou além... terás compreendido, como o mui bom e aristocratico Sabugosa, que tudo cessa, que tudo se curva perante a nossa Mãe!

CARLOS PORTUGAL RIBEIRO

Café Chiado

O melhor Bife
refrescos, cerveja e gelado
café, chocolate, chá e torradas
concerto de tarde e noite

TEATRO APOLO 2 sessões ás 8 1/2 e 10 1/2
revista SENHOR DA SERRA

CASA VARETA

Tabacos e Lotarias
RUA DE S. PAULO, N.º 97

CASA VARETA

quem vende infalivelmente o premio maior. Habitem-se pois.

Bilhetes 240\$00, meios bilhetes 420\$00, decimos 84\$00, vigesimos 42\$00, quadregesimos 21\$00, caute-las 11\$00. Pelo correio mais 1\$00.

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

Premios maiores:
3000.000\$00
(três mil contos)
600.000\$00
(seiscentos contos)

Por este meio participo aos meus numerosos clientes, a todos os colegas a quem, respectivamente cumprimento, e igualmente aos revendedores em geral que todas as minhas transacções passam a ser feitas no meu estabelecimento — RUA DE S. PAULO, n.º 97. Os melhores preços de revenda.

Pelos teatros

Teatro da Trindade

A inauguração da época de verão, da Empresa José Loureiro, no Teatro da Trindade, efectua-se no dia 14 de junho com a reaparição, em Lisboa, da Companhia Hortense Luz e com a estreia da nova revista em 2 actos grandes e 15 quadros, «A Cigarra e a Formiga», de Lino Ferreira, Vasco de Sequeira e Fernando Santos, musica de Wenceslau Pinto, Alves Coelho e Raul Portela. Esta revista flocará sendo a unica que, a preços populares, dada a lotação do teatro, se representará em espectáculo inteiro, isto é, apenas um em cada noite, completo, desde as 21,45 horas até pouco depois da meia noite.

Movimento de companhias

Vai dar-se, oportunamente, um grande movimento de companhias, no sentido de opôr uma tenaz resistencia á grave crise que o teatro está atravessando. Vamos ter, novamente, no inverno, uma bem organizada companhia de opereta. Na provincia manter-se-ão três ou quatro companhias de primeira categoria, percorrendo o paiz, nos seus melhores teatros. Funcionará também, na capital, algumas companhias de revista, de caracter popular e pelo Porto, no Teatro Sá da Bandeira, transitarão todas as companhias que ali possam realizar tuas temporadas, com repertorios grandes.

«Henrique IV»

Conforme já dissemos, José Alves da Cunha inaugura a sua nova empresa, no Teatro do Gimnasio, com a obra prima do Pirandello, «Henrique IV», que o brilhante artista vai pôr em scena com o maximo esmero e o maior escrupulo artistico, desempenhando o seu protagonista, que é um papel notavel de interpretação e de execução, até agora desempenhado sempre pelas maiores sumidades do teatro.

Berta de Bivar, interpretará o principal papel feminino, igualmente criado até agora por actrizes de grande categoria.

Alas do reposteiro

Num dos nossos teatros formou-se ontem, com os seus elementos do elenco, uma sociedade artistica, cujas bases assentam num estatuto modelar na sua organização e que se propõe fazer uma exploração intelligente.

Do elenco da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha fez parte, desde ontem, o actor Penha Coutinho, interessante galá comico de comedia.

—Estreia-se hoje em Portalegre, dando all quatro espectaculos seguidos, a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que representará, respectivamente, as peças «Modesta», «O domador de sogras», «A menina do Chocolate» e «Uma mulher que não mente».

—Parte no dia 6 para Londres, a Juntar-se á Companhia Chefalo, o secretario da mesma, Mario Pedro.

—Representa hoje em Viana do Castelo a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, que depois de amanhã se estreia em Ponte de Lima.

—Os escritores Felix Bermudez e João Bastos estão escrevendo uma opereta de costumes, em 3 actos, intitulada «A Flor do Bairro», que se destina á actual Companhia do Teatro Avenida.

—Tambem se estreia hoje em Tavira, a Companhia Chaby Pinheiro, que depois de amanhã trabalha em Vila Real de Santo Antonio, representando sucessivamente «O nosso homem» e «A Maluquinha de Arrolos».

—Regressa amanhã a Lisboa a Companhia Hortense Luz, que esta noite termina a sua ultima temporada.

—Mantem-se inalteravel o exito da graciosa revista «Pé de Ventos» no Teatro Maria Vitoria.

—«A Parodia» representa-se amanhã pela ultima vez, no Teatro Variedades, encerrando-se, em pleno exito, a temporada de inverno.

—«The Two Yankees», a famosa parodia de baile, apresenta hoje no Zof novos numeros. Amanhã, realiza-se uma «matinée», expressamente dedicada ás crianças.

—No Coliseu dos Recreios dá hoje e amanhã concertos de musica coral e instrumental o Orfêo do Porto, que vem a Lisboa pela primeira vez.

—No Pavilhão Português, despedem-se amanhã do publico as bailarinas Luvá e Andrina, estreando-se na segunda feira os artistas Diez Cabrejas, campeões da dança. Neste dia será também exibido o filme da guerra «Os pilotos da morte», (Legião de condenados).

—Antes da sua partida para o Porto a Companhia Lucilla Simões-Erco Braga realiza varios espectaculos nos arredores de Lisboa.

Royal Cine (Sonoro)

R. Ca Graça, 100 — Tel. N. 6791

HOJE — A's 21 1 2 horas

Exito retumbante e enoroso da super-produção

Alma Andaluza

CONDES Pela primeira vez em Portugal

a voz de COUPLES VARGANS

A MASCARA DE FERRO

O gato Faisca na cozinha

UM CARRO

ONDE CABE TODA A FAMILIA



O Sedan do novo ESSEX triunfador é extraordinariamente espaçoso. É o carro que V. Exa. precisa para a sua família. É mais comprido, mais amplo e mais cómodo que qualquer outro.

Entra-se nele facilmente por largas portinholas. O tecto não impede a menor liberdade de movimentos à cabeça, e os assentos permitem que a gente se sente naturalmente e com toda a comodidade.

Os carros ESSEX conduzem-se com a maior facilidade. Todos os comandos são fáceis de alcançar e respondem ao mais ligeiro toque. Ao conduzir o ESSEX, V. Exa. notará constantemente uma facilidade, conforto e suavidade completamente desconhecidas em carros deste preço. Todas as famílias que possuem um

ESSEX confessam-se orgulhosas com a elegância do seu automóvel. Mulheres artistas tiveram interferência no traçado das suas linhas, contribuindo para o seu aformoseamento e perfeito acabamento. Mercê da cuidadosa atenção prestada a factores tão importantes como a comodidade e a beleza, pode o ESSEX ser comparado com os carros de mais alto preço. Vê-lo é desejar-lo; conduzi-lo, compra-lo.

É tão grande a supremacia do ESSEX entre os carros de seis cilindros, que o seu valor intrínseco é já hoje proverbial. Consulte com qualquer proprietário dum ESSEX

ESSEX TRIUNFADOR

HUDSON 119

	Escudo
Standard Sedan.	48.800
Coach.....	46.000
Coupé.....	45.150
Sun Sedan.....	52.400
Roadster.....	46.650
Phaeton.....	49.800

HUDSON 126

Brougham.....	51.500
7-Pass. Sedan..	61.100
Touring Sedan..	51.950

7-Pass. Phaeton.

	Escudo
ESSEX	54.550
Coach.....	54.100
Touring Sedan..	56.850
Standard Sedan..	55.650
Coupé (Rumble).	53.700
Sun Sedan.....	58.950
Roadster.....	55.750
Phaeton.....	58.850
Brougham.....	57.200
Coupé.....	55.825

CARACTERISTICAS

Rendimento de Super-Six—Carrossarias mais luxuosas e de traçado original de elegante aspecto—Maior potencia dentro da mesma capacidade—Quatro amortecedores de Dupla acção—Todos os comandos de facil alcanca e manejo—Assentos mais amplos—Maior distancia entre os eixos—Carrossarias mais espaçosas—Botão de arranque no proprio quadro.

Sociedade Portuguesa
de Automoveis, Ltda.
Avenida da Liberdade, 71
LISBOA

Mario Ferreira, Ltda.
Rua 3a da Bandeira, 322
PORTO

ENVIE ESTE COUPON HOJE MESMO
ao Agente Hudson Essex da sua zona
Tenha a bondade de me remeter o novo folheto em cores
do ESSEX Triunfador e do Grandioso 8 de HUDSON

Nome: _____

Direcção: _____

NOVIDADES LITERARIAS

"A Restauração de Portugal e o Marquês de Ayamonte"

Uma tentativa separatista na Andaluzia

Luis Consiglieri de Sá Pereira — nome que os leitores do Diário de Lisboa lembram com saudade — não é só um jornalista de grande valor, cujos trabalhos o impõem à consideração de toda a gente. Tem também o nosso querido camarada qualidades excepcionais de escritor que se revelam exuberantemente na sua obra agora publicada: «A Restauração de Portugal e o Marquês de Ayamonte», escrita nas horas vagas dos seus afazeres consulares na risonha cidade andaluza.

O trecho que a seguir transcrevemos dá bem ideia do valor do livro:



CONSIGLIERI DE SÁ PEREIRA

É quasi no limite de Castela-a-Velha que Segovia ergue as suas muralhas espessas, altas de três metros, fortificadas por oitenta e seis torres e quatro fortalezas, franqueadas sómente por outras tantas portas. Cidade castelhana por excelência, nos monumentos e ruas seculares parece ter ficado, puro como um cristal, o espírito das velhas gerações que, depois de terem combatido os mouros, souberam erguer a colera dos comunistas contra Carlos V — o dinasta germanico que desde a Europa nordica veio com os seus flamengos enfrentar a altivez dessa raça heroica e portinaz de lavradores do duro agro hispano. Para sobre o burgo a saudade das longas idades arquibancadas na história, quando os reis, ao entrarem nela, tinham de jurar, á passagem do portal de San Martín, as liberdades segovianas, e as cupulas dos seus templos pareciam nimbadas pela graça de santos. Cidade de sonho e de lenda, adormecida na recordação das grandezas preteritas, é rodada, a perder de vista, por serranias e uma caminha imensa, recoberta de rebaninhos que outrora chegaram a dar trabalho a 36.000 tecelões. Cresce ali a gente, sob os ventos asperos, as gélidas inverniaes, os nevões inchados, seca e vigorosa — e a lagarta ressurta em todas as variedades pedras em que o brago do pedreiro medieval rasgou, em filigranas de granito, um eterno louvor a Deus. Edificada nos contrafortes da serra de Guadarrama, a sua maior elevação é engrandecida pela fábrica a um tempo poderosa e graciosa do Alcazar. Ele dá a Segovia aquela característica por um alarido insigne atilado nas cidades de antanho: *la nave ideal que fingia la mayoría de las urbes arcaicas.*

Triste e melancólico acompanhava o captivo, dia por dia, o crescente rigor do inverno. Com o sol do outono parecia-lhe ter-se ido de seu corpo e cair que dá a vida, e nas nuvens negras julgava a sua fantasia alarmada divisar grandes paços mortuários. Um grande gibão lhe preservava o busto do frio, mas tanto o sentia nas pernas que sobre umas meias de pano verde enlaxara botas de campanha de cano alto. A espaços, maquinalmente, percorria em largas passadas o quarto em que assistia. Era este um amplo compartimento cerrado por uma grossa porta chapeada de ferro com um pestigo em que não raro faiscava a mirada inquieta do carcereiro. O seu recheio limitava-se, modestamente, a um leito e um armário liso de nogueira, um baú em que guardava a pouca e usada roupa e uma velha escrivadinha, em que coligia os seus papéis ou lia, sentado numa banquetta forrada de veludo vermelho que o tempo descolorira e abria em fundos rasgos. Maior não podia ser o seu estado de pobreza, embargado o feudo e consumido o redadozido pecúlio em subvencionar letrados que bem algum tinham traido á causa. Tão miserável estava quem um reino quizerá criar! Piedoso, e associado á piedade as doces recordações da infância, sobre a cama tinha uma imagem de Nuestra Señora de las Angustias, patrona da sua terra natal, imagem que aprendera a evocar nas orações maternais.

Chegou, assim, o dia 10 de dezembro e, mais que os anteriores, amaneceu chuvoso e frio. E ele seguia nos seus passeios maquinals, meditando sempre, a imaginação perdida no passado, a testa contrida em fundas rugas de inquietação. Quantas vezes não invocaria o seu espírito conturbado o cadafalso do Rossio e os seus quatro supliciados, dois deles crianças quasi! Para salvar outras vidas, e uma delas bem cara lhe era, denunciara então os parciais de Castela. Mas o certo é que esses fantasmas jámais lhe abandonavam a consciência inquieta e o seu espírito, contrito, repelia a legitimidade da sua conduta.

Mais cinzento se tornara a atmosfera com o cair da tarde e mais grossas, fugitivas, as cordas de água. Num dos habituais intervalos desses passeios de horas seguidas, assomou á janela que grandes varões de ferro defendiam. Desde ali, divisava a ampla praça que se rasga junto ao Alcazar e, ao fundo, o paço episcopal, através do confuso lençol da chuva, viu algumas voltas inquietas junto á arcada desse edificio. Pára-se e um estrechamento lhe percorreu o corpo, enquanto murmurava:

— Alguém da Corte (consiglieri de Sá Pereira) — são passares de mão alourada!

Nessa manhã chuvosa, e, certamente, a Segovia, o licenciado Diego de Villaverde, *alcalde* da Corte, com Juan Pineda, secretario do Crimen, acompanhados dos alguaciles e um número de seis, que de alto da sua torre, não irremediavelmente sobressaltos, o marquês de Ayamonte divisava. A fúria acutila dirigiu-se a casa do carcereiro e, reunido este, depois de uma demora de minutos no paço episcopal, necessitaria á requisição de uma *cadeirinha* e dois condutores, tomou o caminho do Alcazar. Ao chegar á fortaleza-palacio, já a aguardava ao seu portão principal o carcereiro-mór Juan Navarreda, a quem Villaverde intimou:

— Vossa Mercê entregar-me-ha Dom Francisco Manuel Silveira de Guzman, marquês de Ayamonte, preso neste Alcazar, em virtude desta cédula do El-Rei Nosso Senhor.

Beijou-a o carcereiro com respeito e todos subiram, de tropel, á torre. Ao ser a porta do carcere aberta, já o fronteiro de Guadiana, segundo Pedro de Madrazo, cronista que nos serve de guia nesta narrativa, «estava em pé, com o chapéu e as luvas postas em atitude digna e demonstrando a maior inteligência». Quando o iam a intimar, desistiu com sobrio gesto e, dando-se por inteirado, desceu a rua e com toda a serenidade subiu á *cadeirinha*. Esta, escoltada por três alguaciles a cada lado, e acompanhada atrás pelo *alcalde* da corte e pelo corregedor, seguiu pela travessa do Obispo e passou pelo do mesmo nome, tomou a rua de Renda e, acompanhando, durante algum tempo, a muralha da cidade, entrou pela porta de San Martín. Poucos minutos depois chegava á cadeia publica, a cujo carcereiro, Pedro de Va-

lencia, o *alcalde* Villaverde entregou o nobre andaluz. Não pôde este reprimir a repugnância que causava vê-lo na prisão destinada a ladrões e assassinos, sem respeito pelo seu título de Castela, e disse algumas palavras de censura. Depois, resignado, sentou-se no regaço da turbina.

Naquella dia, sexta-feira, ouviu três missas na capela da cadeia e almoçou com sosiego. Toda a tarde se apercebeu, impetuosamente, do rumor da macha fuma dos carpinteiros. Houve segundas praticou com o confessor sobre a salvação da alma, e ao jantar e evocou, por sua vez, o Evangelho, um sorriso de doce consideração abandonando aquela rosto esgarçado nos combates com a vida. Dito da sua integridade, lamentava-se de que o coração friamente recebesse a nova da sentença e que o espírito não se impressionasse com os golpes de martelo que, a cada minuto, rebatavam pelo edificio — aproximando-o da morte! Seria impiedade? Seria reprovável vaidade carnal? O franciscano consolava-o, podendo-lhe que considerasse uma mercê do Senhor a serenidade do seu porte. Mais íntimo se tornava, destarte, o colloquio e pelas faces do paciente as lágrimas corriam tranquilas; e tão devotos eram os argumentos que apresentava para considerar como ordem de Deus a morte que se lhe representava, que quantos o ouviam e viam consideravam estupefactos, que aquele homem em vida recebereira do céu a singular virtude de aceitar o suplicio como se um santo fosse. Naquelle noite, última que lhe restava, dormiu tranquilo durante duas horas.

A livida luz da madrugada de sábado quando a infâmia mais crua se tornava e a chuva impetuosa sucedera um frio intenso, ouviu D. Manuel de Guzman quando missas recolhendo-se depois com os dois religiosos. Pelas nove horas, abriu-lhe a porta da cela e os oficiais de justiça entraram, oferecendo ao franciscano o capuz dos supliciados. Beijou o marquês com resignação a hostia e hostia para e que restituiu o seu confessor, mas tanto lhe tremiam as mãos que o não conseguia pôr bem lido, com todo o sosiego, o condenado ficou-o com brandura ao velho sacerdote e dispôs o capuz ajustando-o bem nos ombros, com parecer

tão tranquilo como se no seu solar de S. Francisco se preparasse para assistir a um baile. No fim, empunhou um crucifixo e disse gravemente:

— Já é hora!

Rompou a marcha com andar firme mas, ao chegar á sala contigua e ver o cadafalso, exclamou com vivacidade:

— Como está isto aqui?

Logo reprimiu esse movimento de revolta. Reconciliou-se com todos e, subido ao cadafalso, que os alguaciles, o secretario do Crimen, o *alcalde* do palacio, o corregedor da cidade e poucas pessoas mais rodeavam, proferiu com serenidade as seguintes palavras:

— Sejam Vossas Mercês testemunhas de que, ao vêr-me na presença de Deus, que espero da divina misericórdia seja em breve, prometo rogar-lhe que intervenha com a sua piedade imensa pelas prosperidades desta Corôa e que vele pela saúde e vida do Rei meu Senhor.

O confessor frey Diego de Miranda, receando que nem todos ouvissem as generosas palavras, repetiu-as lenta e solenemente e os circunstanciaes ajeitaram ante o moribundo.

Sentou-se o marquês na cadeira do patíbulo e cravou os olhos no crucifixo que entre as mãos mantinha, apertado com muita força. Afectuosas e amarissimas palavras ainda pronunciou, sentidas e fervorosas antes de se repetir, e tudo isto com tal serenidade que os espectadores da lamentável scena, de lúidos e que pareciam condenados á morte.

Como que envigorado, depois se aproximou hesitante ao o confessor. Alcehou-o, beijando-lhe as mãos, pediu que o perdoasse, o que D. Manuel de Guzman fez. Aos olhos os lúidos e as pernas, ao vêr-lo tão forte perturbou que a vida se arredava nos cubitos do senhor de Ayamonte que, sorridente, lhe pediu calma. Depois, calmo, o eufório recolheu um segundo ao ar, para logo se esgarçar na paragem que elevou a sua cabeça sobre a cabeça do senhor de Ayamonte, e depois das carolidas numa breves despedidas o desejo do carcereiro, havia que cumprir a sentença, pelo que a cabeça foi decapada por três. Tudo estava concluído. Os presentes choravam.

Noite velha, quando nas ruas desertas só as sombras escorriam como aparições, o funeral atravessou a velha cidade em cujas pedras lavradas paira a memoria de tragedias de todas as idades. Acompanhavam-no crianças de um recolhimento católico, dotes religiosos franciscanos, outros do convento da Vitória e o clero regular da paróquia. O corpo seguia em ombros de quatro irmãos de S. João de Deus — o santo português que tão vitorioso é em Espanha. Ia a altura coberto de grossa baeta negra que os carpinteiros haviam ajustado cuidadosamente á madeira, e a cabeça ornamentada levava por a ordenação o bom permitir. Chegou a praça de S. Francisco, em cumprimento de promessa, despediu-se sua, recolheu-se nos restos do fronteiro do Guadiana separatista em terra casa. Diz a tradição — recolhida pelo cronista em que baseamos esta narrativa (foi penosa de redigir — que, nessa hora e nessa mesma noite de S. Francisco, dirigiu fervorosas preces ao Senhor, pedindo-lhe o eterno repouso do que fora marquês de Ayamonte, um homem de bem (foi) que não dá adiantes tomara o hábito. Constatava-se Guzman, servira toda a vida no altar dos Guzmanes da fronteira pela casa e oferecera á imagem de S. Francisco que no mosteiro se adormia o anil de raíra que seu senhor lhe dera nas horas derradeiras.

Do seu caíam brandamente, nessa noite, flocos de neve que cobriam o plano imenso de um alvo e virginal manto. Desde a treva, aqueles farrapos brancos recordavam lágrimas com que Deus chorasse a maldade com que os homens maculam a face da Terra que para felicidade sua criou.

Azenhas do Mar
HOTEL BELA-VISTA
Curas de repouso
PREÇOS REDUZIDOS
TELEF. N. 3155
e Praia das Maças, 10

RESTAURANT VALMOR
Completamente remodelado
Almoços, jantares e ceias
ABERTO TODA A NOITE
Rua Actor Taborda Tel. N. 939

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, advogado da acusação particular, começa, falando de pé.

Continua a analisar as declarações de Alves Reis (as prestadas no Tribunal). Vai ocupar-se da acusação que Reis fez a Waterlow.

E lê um depoimento de Alves Reis onde este declarou, estando na Penitenciaría, que entabou negociações com a casa Waterlow para esta adquirir dele documentos que habilitassem a casa inglesa a defender-se do Banco de Portugal. Houve—diz Reis—um contrato em perspectiva, pelo qual Reis receberia 3.000 libras de Waterlow a troco dos tais documentos.

R is apanhando 3.000 contos a Waterlow

—A casa Waterlow resistiu a estas seduccões, e entregou as cartas de correspondência sobre o assunto á policia. O depoimento de Reis (que leu) é inexacto. O que Reis queria era apanhar 1.000 libras ao inglês, apanhá-las sob o pretexto de lhe entregar documentos, que não tem nem pode ter. Waterlow não caiu na armadilha. E aí está, senhores, a razão por que Alves Reis veio aqui atacar Waterlow. Para se vingar dele não lhe ter dado as 3.000 libras. E aqui está também a razão por que Reis veio para aqui defender Marang e Hennies. A razão é que espera ainda apanhar-lhes dinheiro.

E depois clama:

—Eu não estou aqui a fazer a defesa de Waterlow, cuja boa fé é aliás discutível. Em breve se julgará em Londres o processo que lhe move o Banco de Portugal, exigindo uma indemnização. Eu não estou aqui para defender Waterlow, e a seu tempo direi, clara e desassombradamente, o que sobre ele ha a dizer. O que pretendo provar é que Reis mentiu nas suas famosas declarações.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, tenta provar depois que Reis não está pobre, e faz uma documentada exposição dos lucros que os reus receberam da burla.

—Eu afirmo ao Tribunal que estes homens não dividiam apenas entre si 105.000 contos, das emissões falsas, em notas que passaram. Eles, convertido este dinheiro falso em bom, entregaram-se-lhe a grandes negocios comerciais e ganharam, pois, muito mais, muitissimo mais.

A certa altura, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, diz:

—Tenho estudado muito, eu e o meu colaborador neste trabalho; temos estudado muito, para vir aqui ao Tribunal trazer-vos factos, e não simples deduções.

Onde estão os 35.000 contos?

E é assim que o primeiro advogado do Banco de Portugal, estabelece datas precisas das entradas de Marang em Portugal com malas de notas, acrescentando ao que já consta, noticia de uma outra vinda do holandês a Portugal, para chegar á conclusão de que os reus tiveram em sua mão muito mais dinheiro do que se supôs.

—Os reus não tinham contas de sa-co, ha que dizer. Escriuravam tudo dos seus negocios e lucros. Onde está esse livro de escrita, que nunca appareceu até aqui?

O advogado acusador lê correspon-

dencia de um dos reus, pela qual se prova, na alusão a dinheiro recebido por este ou por aquele, e que Ferreira Junior escripturou, que os reus tinham uma escrita privada.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, referindo-se a um montante de 14.000 contos que Reis diz que faltavam entrar em circulação quando foi para a Africa, (a acusação corrige para 19.000)—afirma:

—Os cúmplices em Lisboa, apanhando Reis ausente, lançaram na circulação esses 14.000 contos. Eis uma nova acusação que Alves Reis fez aos seus co-reus, nas declarações em que os quiz defender.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, com larga copia de subsidio, apresenta de-



O Juiz dr. Jacinto Flialho

ouvindo a acusação

pois ao Tribunal a discriminação do dinheiro das duas emissões, gasto, movimentado, aplicado, transferido, e que soma cerca de 70.000 contos. Ora a burla atingiu, como se viu, 105.000.

—Onde estão os 35.000 contos que faltam? Onde estão?—pregunta o advogado acusador, com energia—Devem estar escondidos, metidos em canudos debaixo da terra, e a seu tempo apparecerão...

Um pouco de frivolidade

Principia a desfiar diante do Tribunal a nota das despesas feitas por D. Maria Alves Reis, em joias e vestidos. E na altura das «toilettes» lê, em francês, ao Tribunal, a lista dos varios «robes», da casa Jenny, que a mulher de Reis comprou. (Esta lista vem na sua contra minuta, e já foi publicada em todos os jornais). As senhoras que assistem ao julgamento deliciam-se ao ouvir pronunciar os nomes tão sedutores de certos modelos. Passa pelo Tribunal um fiosinho de mundanismo e frivolidade, que depois, se converte em ostentação feminina, ao ouvir-se ler a lista das joias compradas por D. Maria Luisa.

Assinala que a mulher de Alves Reis andava em Paris com a actriz Fie Carlsen, gastando ambas rios de di-

O JULGAMENTO DO «A»

A defesa do Ba

foi hoje feita pelo dr.

DECIMA QUIN

ACUS

A acusação continua hoje.

A decima quinta audiencia preencheu-a o sr. dr. Barbosa de Magalhães. Antes de transmitir ao publico a minha impressão, tão aligeiramente como eu hoje o consiga, quero assinalar—A acusação, no que respeita ao trabalho da imprensa, é muito menos tolerante para nós (ou para algum de nós) do que a defesa. Isto sente-se; isto adivinha-se. E é mal que assim seja, porque revela um espirito de injustiça, mais grave, por ser sintomatico, do que por ser imprudente.

A defesa, os srs. advogados da bancada «do fogo de barragem»—que ainda não começou—aceitam, compreendem, acham humano, legitimo, digno, que algumas penas da Imprensa dêem a impressão de acusar, ou acusem, altivamente, segundo um estado de alma e de intelligencia, cujo direito de expressão é incontestavel.

A acusação—três castelos de saber, de ponderação, de reflexão—não admite que alguns jornalistas dêem a impressão de defesa de um ou outro reu, e não do crime.

Esta disparidade—fere. Pode até significar, e não me arrego a afirmar que signifique, que a acusação está muito nervosa.

E contudo o papel de acusação é tão respeitavel, tão «certo», até tão nobre, como o da defesa. O nervosismo que se lhe pode attribuir, sob um aspecto aparente de serenidade e frieza analitica, de homens que manejam, com segurança, o bisturi luminoso—dá-me a impressão de que resulta apenas de um facto: não saberem bem ás vezes o terreno que pisam.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães occupou hoje a audiencia, quasi até o final. Tão bem urdida a sua exposição como a do sr. dr. delegado—ela esforça-se por convencer o Tribunal da responsabilidade dos co-reus.

E continua a usar a presunção como arma, partindo de factos, que são ou podem ser autenticos, mas cuja interpretação leva o caminho que cada um lhe imprime, a seu talante.

De Antonio Bandeira falou-se até agora pouco. Parece que o papel

neiro, a tal ponto que José Bandeira teve de mandar dizer de Lisboa para lá: «não façam mais tollices, senão não vai mais cinco reis».

—Vê-se, pois, claramente, como a arguida D. Maria Luisa se aproveitou e á larga do dinheiro da burla!

E' esta a fatidica conclusão do illustre advogado, que durante ela conseguiu entreter e fazer sorrir parte do publico, além da tela.

O advogado acusador, sempre ouvido com muita atenção, prova também as despesas extraordinarias feitas por Alves Reis, e volta a perguntar onde está o dinheiro que falta, 35.000 contos, do qual diz Reis que 5.000 estão na mão de Marang. «Tem-no Marang ou tem-no Reis».

Uma nota sussurrante

Volta o sr. dr. Barbosa de Magalhães a occupar-se da razão por que Reis se teria entregue agora, aqui, no tribunal, á defesa de Marang.

Lê ao tribunal uma carta de Alves Reis dirigida a Chaves, em março de 1927, na qual se trata Marang por avarento, e se dá instruções a Chaves para lhe apanhar 300 libras. O conceito que Reis fazia de Marang era o pior. E o advogado acusador diz:

—Então se Reis pensou sempre o pior possivel do seu cúmplice, qual a razão por que ele agora o defende, ou o tenta defender? Para lhe apanhar dinheiro...

O sr. dr. Barbosa de Magalhães diz ao tribunal que as grandes despesas de Reis não foram só quando estava feliz e livre, a abarrotar de notas. Já na Penitenciaría se entregou a despesas de sumptuosidade excessiva. Quando pretendeu apanhar as 300 libras a Marang, destinou 100 libras ou 10 contos para luxo.

E o sr. dr. Barbosa de Magalhães consegue do tribunal um silencio de espectativa, quando anuncia que vai ler uma nova lista de compras encomendadas por A. Reis, da Penitenciaría para Paris.

E lê: trata-se de roupas brancas, de

sêdas para sua mulher. Trata-se de artigos de toilette feminina, de perfumarias, lista que o advogado acusador discrimina, em termos de não impressionarem bem algumas pessoas. Corpetes, coletes, camisas, crêpes de China, etc. O silencio continua emotivo, com uma significação que nós, jornalistas, não sabemos tirar. E conclui:

—Vejam como ainda na Penitenciaría, com a mulher á beira de se sentar no banco dos reus, este homem gastava 10 contos neste luxo todo!

Arte regional

O rancho das Cantadeiras de Evora em Lisboa

Hoje, ás 13 e 30, chegaram á estação do Terreiro do Paço as cento e vinte figuras do «Rancho das Cantadeiras», composto pelos alunos de ambos os sexos da Escola Commercial e Industrial Gabriel Pereira, de Evora.

Este agrupamento artistico, que já por mais de uma vez tem mostrado, com extraordinario apêço, o seu valor artistico, deliciando-nos com o tradicional, amoroso e caracteristico folclore da Terra Alentejana, dá hoje a sua récita no teatro do Gímnasio.

Os alunos são acompanhados pelo corpo docente daquela escola, ao qual pertence o autor da tipica opereta «Um Milagre de Nossa Senhora d'Aires», e que é o distinto professor sr. Raul Matroco.

A parte musical, quer na regência; quer na compilação dos melodiosos motivos musicais que caracterizam os variados pontos da provincia e vivem, através dos tempos, na alma do seu povo—foi confiada ao sr. Pereira da Silva, habili chefe da banda de infantaria 16, que é ao mesmo tempo professor de canto coral da escola.

A manhã realizar-se-ha um grandioso festival no Jardim Zoologico, com a cooperação das duas bandas do Barreiro, havendo assegurado um bom serviço de carros e combolos.

Audição de alunos

A'manhã, ás 14 horas, realiza-se, no salão do Conservatorio, a 1.ª audição de alunos de Aroldo Pratts Silva, tendo-se organizado, para esse fim, um programa a todos os respetos notavel.

As manobras navais

Hoje, de manhã, saiu para o mar o torpedeiro «Mondegos», em experiencias de maquinas e provas de velocidade.

Na proxima semana deverão sair os torpedeiros «Ave» e «Sado», que também fazem parte da flotilha ligeira de instrução.

No SAO LUÍS

PREMIO DE BELEZA

O verdadeiro triunfo do Cinema Sonoro

Pavilhão Portuguez

Aprazível recinto de diversões do Parque Mayer

Hoje — A super-produção historica em 8 partes
MADAME POMPADOUR

Hoje — Últimas apresentações das graciosas bailarinas
LUVA E ANDRINA

Admiravel programma pela Orquestra-Jazz do Pavilhão
SEGUNDA-FEIRA: Estreia da colossal super-produção sobre a guerra aerea

Os Pilotos da Morte — Legião de condenados

e estreia dos grandes artistas campeões da dança **DIEZ CABREJAS**

NGOLA E METROPOLE»

Banco de Portugal

Barbosa de Magalhães

TA AUDIENCIA

AÇÃO

acusatorio contra o antigo ministro na Haia vai estar entregue mais vinadamente ao segundo advogado do Banco de Portugal, e que o toma á sua generosa conta.

A acusação de hoje tem convencido?

Sinto que em absoluto não. Talvez porque se dispersa, bala a um, bala a outro, falhando alvos certos, acertando de raspão, ou cortando a mouche. Antonio Bandeira está inocente? Os reus humildes estão inocentes? Não sei; não o nego nem o afirmo.

Se estão comprometidos — nada de clemencia! Se são criminosos — não exige ninguém que o tribunal cante o «fadinho da compaixão», como disse o sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Não. Não queremos compaixões.

Mas, num acontecimento que apaixonou o país tantos anos, e onde se joga a honra de homens, alguns dos quais afirmam a sua inocencia, até agora não desfeita por provas concludentes e definitivas — seria pavoroso, seria revoltante, seria indigno da Justiça portuguesa, que se procurasse a condenação pelo caminho falso da presunção e das apparencias. E é isto só que anima a minha pena. Gloria a Deus!

O sr. dr. Barbosa de Magalhães referiu-se á «volupia de acusar» — frase que eu creio. Ele não tem a «volupia de acusar» — afirma.

E não tem! Nem a teve o sr. dr. delegado. Porque se a tivesse tido, muito mau uso teriam feito, até agora, desse ruim sentimento.

A hora que escrevo estas notas, de corrida, o sr. dr. Barbosa de Magalhães continua a falar, com brilhantismo e convicção, e sobretudo quando faz a defesa directa do Banco de Portugal.

O que é certo — e aqui termino — é que depois de tudo isto liquidado, seria lamentavel que qualquer de nós, sem que ninguém nos pudesse atirar uma pedra, ficasse com o direito de julgar — o julgamento.

N. DE A.

E passa um sussurro pela sala. O sr. dr. Barbosa de Magalhães continua a lêr depoimentos, tendentes a provar que D. Maria Luisa Alves Reis estava a par da burla realizada por seu marido.

Estabelece contradições que se encontram nos autos, nas declarações e depoimentos de D. Maria Luisa. Recordo que D. Maria Luisa dissera varias vezes que conhecera os srs. Innocencio Camacho e Mota Gomes, estabelecendo acusações graves, e mais

Queimaduras graves

Hoje de manhã, quando Maria da Cruz, de 19 anos, aquecia agua-raz com cêra, incendiou-se o liquido, comunicando-se as chamas ao vestido da rapariga, os quais arderam por completo.

A infeliz, que ficou muito queimada, recolheu em estado grave ao Hospital de S. José.

Os bombeiros municipais e voluntarios chegaram a comparecer, não tendo sido necessarios os seus serviços.

O FADO

E' amanhã, como temos anunciado, que se festeja, no teatro Apolo, a Canção Nacional. Os nomes mais brilhantes deste género d'arte popular formaram paradas para que o seu jornal, «A Guitarra de Portugal», súa triunfante da festa.

Ao lado de Adelina Fernandes e de Maria Amélia estão o guitarrista Carmo Dias e todos os melhores elementos do Fado. A recita será precedida duma conferencia lida pelo actor Rafael Alves e escrita pelo nosso colega Artur Inês.

«A bonequinha do Fado», interessante menina de 5 anos, cantará o já celebre «Fado sem pernas».

Exposição de trabalhos escolares

Com a assistência do sr. ministro do Interior realiza-se amanhã, ás 15 horas, a exposição de trabalhos manuaes das educandas da Escola Profissional, no Campo de Santa Clara, acontecimento de arte que todos os anos constitui uma das mais nitidas afirmações de valor no nosso meio educativo.

tarde teve de desmentir essas declarações.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, com gesto largo e grande serenidade, estabeleceu agora ao Tribunal o que era o tal respeito que Alves Reis tinha pela sua mulher. Conta, pormenor por pormenor, que uma vez, quando Alves Reis ainda mantinha o seu processo de defesa, qual era o de caluniar o Banco de Portugal e os seus homens, e afirmar a cumplicidade de homens publicos, e a autenticidade dos contratos e das cartas falsas — o mesmo Alves Reis, interrogado, ante factos embaraçosos, se mantinha ou não as declarações feitas, e se eram verdadeiros os seus depoimentos, declarou: — «Afirmo que tudo quanto tenho dito á justiça é a expressão da verdade! Afirmo-o, solenemente, pela honra da minha mulher!»

E o advogado conclui: — «Alves Reis confessou aqui ha dias que era falso tudo quanto dissera, que o falsificador era ele, que o Banco de Portugal não tinha nada com a burla. E jurara, antes, a mentira, pela honra da sua mulher!»

Na sala faz-se pela primeira vez um silencio emotivo e sincero. D. Maria Luisa chora, discretamente, e Alves Reis tem uma expressão talvez de dor íntima, que se revelou num momento fugaz, e se desfez.

Cumplicidade

O sr. dr. Barbosa de Magalhães estabelece agora que José Bandeira apresente para sua defesa o ter sido ele, reu, quem revelou a existencia dos contratos. «Se tudo se descobriu, a José Bandeira se deve».

O advogado-acusador pretende desfazer o significado de defesa que esta prioridade pode oferecer. Declara que se as investigações, em dezembro de 1925, tivessem seguido o seu curso normal e logico, tudo se teria descoberto mais cedo.

O advogado do Banco de Portugal, em relação aos reus José Bandeira e

Ferreira Junior, encaminha o seu raciocinio no sentido de estabelecer:

1.º—Que eles conheciam a existencia dos contratos.

2.º—Que eles conheciam a natureza criminosa dos contratos.

Torna a assinalar ao Tribunal, como já fôra antes feito pelo Ministerio Publico, que Ferreira Junior, que dactilografou os dois contratos, de modo que as folhas terminassem como convinha á apensão das assinaturas falsas—não podia deixar de conhecer a obra criminosa em que se lançára. Insiste sobre esse ponto, com deduções, mais ou menos logicas, que prendem a atenção do Tribunal.

Fie Carelsen e os contratos

—Como se explica que os contratos



O juiz dr. Rocha Ferreira

ouvindo a acusação

estivessem na Haia em casa da actriz Fie Carelsen? Como se explica que não estivessem na sede da casa Alves Reis? Como se explica que Antonio Bandeira tivesse entregue os contratos em casa de uma mulher, que podia ser muito honesta, mas os podia até descaminhar? Como se explica isso? E sabem quem era Fie Carelsen? Pois eu ponho nas mãos dos srs. juizes uma carta dessa actriz ao seu amante José Bandeira. Cito só uma frase (lê em francês): «aceita tantos beijos como os francos que tu tens».

E o advogado do Banco observa: — «Vejam que mulher era essa! Vejam se era possivel que os contratos estivessem em casa de uma actriz!»

E deduz, com energia: — «Não! Não! Os contratos não estavam em casa da Carelsen. Os contratos estavam na gaveta da secretaria de Antonio Bandeira!»

E contundente, prossegue, voz entusiastica e declamatoria:

—Antonio Bandeira não entregou os contratos á nossa policia. Foi entregá-los ao advogado de Marang. Porquê? Porquê? Porque na mão indirecta

de Marang eles não podiam vir para Portugal, que é onde eles deviam estar. E se não fôsse a decisão da policia holandesa, que foi a casa desse advogado, e apreendeu os contratos, nós nem sequer hoje tinhamos aqui copias e fotografias.

O Banco de Portugal tem contróle

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, diz agora:

—O Banco de Portugal não tem nem nunca teve necessidade de se defender, porque a calunia que quizeram lançar sobre o seu credito e sobre os seus homens nem sequer os atingiram.

E em relação á afirmação de Alves Reis de que no Banco de Portugal não havia repartição de «Contrôle», afirma:

—O Banco de Portugal não terá «repartição» de «contrôle», mas tem serviço de «contrôle», «contrôle» autentico. E sabem quem o diz? O proprio Alves Reis, em março de 1926, quando manda dizer a Marang que no Banco se controlam as notas.

E vai mais longe agora o advogado:

—Ha, sim, não uma repartição, mas varias repartições, onde o serviço de «contrôle» passa, e está ordenado e rigorosamente estabelecido. O Banco de Portugal tem esse serviço montado de tal maneira que, dia a dia, as notas que entram são revistas por pessoal habilitissimo.

Agora:

—O Banco de Portugal tem «contrôle», tão perfeito ou imperfeito como o de todos os Bancos do mundo, excepto o Banco de Inglaterra, unico que ha onde a nota que entra já não volta a sair. Mas isso não é possivel conseguir-se em outro qualquer Banco, porque é extraordinariamente dispendioso.

Diz que o movimento de notas do Banco de Portugal é qualquer coisa de assombroso. E cita este exemplo: só no ano de 1927 correram pelo Banco 1 trilhão e 760 milhões de notas, de todas as chapas e valores.

Estas explicações do sr. dr. Barbosa de Magalhães tendem a estabelecer que era muito natural que no Banco, em tamanho volume de notas, não fosse facil, de um momento para o outro, verificar que corriam notas falsas em circulação. Se houve meses e epoca em que o movimento de notas de 500 escudos em geral foi superior no Banco de Portugal e suas agencias, eles foram exactamente nos meses e ano em que foram lançadas as emissões da burla.

E chega mesmo a esta afirmação:

—De resto, não se pode negar que os reus tiveram extraordinaria pericia na passagem das notas falsas. E constata-se tambem que no país ha a tendencia para guardar notas novas em folha, o que corresponde a uma lei universal, e que os bancos todos tambem guardam de preferencia as notas novas. Dai, o não ter affluído ao Banco de Portugal, na epoca da burla, grande numero de notas falsas, capaz, de momento, de provocarem suspeitas.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães começa agora a parte politica, talvez a mais seria, do seu discurso:

—Houve, srs. juizes, com effeito, um plano economico, financeiro e politico, de assalto ao país e ás suas instituições.

E no meio da atenção geral o advogado do Banco de Portugal, finalmente sobre factos, prossegue no novo e interessante aspecto da sua defesa do Banco e da Sociedade.

CALÇADO SEGUNDA-FEIRA, 2 DE JUNHO



Abertura da Estação de Verão

NOS

Depositos de Lisboa

TEATRO MARIA VICTORIA

DUAS SESSÕES
ás 8,30 e 10,30

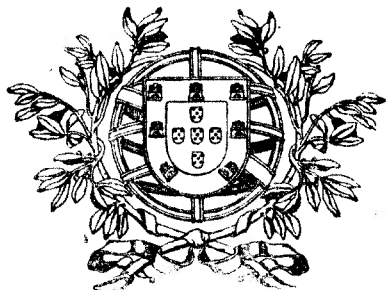
PREÇOS POPULARES

A Rainha das Revistas

PE' DE VENTO

Um camarote de 1.º ordem 20\$00
Uma cadeira (ant. fauteuil) 4\$00

Uma superior (ant. cad.) 3\$50
UMA GERAL 3\$00



Dívida Pública Portuguesa

**FUNDO AMORTIZAVEL DE 6 1/2 0/0
1936-1970**

Emissão de 200.000 obrigações, em títulos de 1 e de 10 obrigações, do valor nominal de **Esc. 500\$00**, cada uma, em realização da

Primeira série — Esc. 100.000.000\$00

do Empréstimo de Consolidação, de Esc. 500.000.000\$00, **destinado a reembolso de Dívida Flutuante Interna** e autorizado pelo Decreto com força de Lei N.º 18.384, de 24 de Maio de 1930.

Estas obrigações são de **cupão**, vencem o juro--livre para o obrigacionista de todos os impostos presentes e futuros, ordinários e extraordinários--de 6 1/2 0/0 ao ano, o qual **será pago, aos trimestres vencidos, em 1 de Março, 1 de Junho, 1 de Setembro e 1 de Dezembro.**

O primeiro cupão--Esc. 8\$12,5 por obrigação--será pago no dia 1 de Setembro do corrente ano.

A amortização, que o Estado se reserva o direito de antecipar, far-se há por sorteio, ao par, durante 30 anos, a partir de 1 de Setembro de 1936.

Este empréstimo, cujo serviço será feito pela Junta de Crédito Público, além de constituir **Encargo Geral do Estado**, é garantido, em segunda consignação, pelos rendimentos aduaneiros de importação (exceptuados os referentes a cereais, tabacos e fósforos), rendimentos cuja parte livre tem um valor **cêrca de seis vezes superior** ao encargo total anual, de juro e amortização, do referido empréstimo de Esc. 500.000.000\$00.

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

O grupo de estabelecimentos de crédito portugueses que adquiriu, na sua totalidade, esta emissão, oferece-a à subscrição pública, **ao preço de 95 0/0, Esc. 480\$00, por obrigação**, pago em quatro prestações:

- a 1.ª, de Esc. 30\$00, no acto da subscrição,
- a 2.ª, de Esc. 100\$00, a pagar no prazo de 30 dias a contar do da subscrição,
- a 3.ª, de Esc. 150\$00, a pagar no prazo de 30 dias, contados da data do pagamento da segunda prestação, e
- a 4.ª, de Esc. 200\$00, a pagar no dia 1 de Setembro do corrente ano--data do vencimento do primeiro cupão--e contra a entrega dos títulos definitivos.

A subscrição, que fica sujeita a rateio, estará aberta **nos dias 2, 3 e 4 de Junho próximo**, nas sedes, filiais, sucursais e agências dos Estabelecimentos abaixo indicados, **mas estes reservam-se o direito de encerrar a subscrição** logo que o julguem necessário para evitar excessivo rateio.

Banco de Portugal
Caixa Geral de Depósitos,
Crédito e Previdencia
Banco Nacional Ultramarino
Banco Lisboa & Açores
Banco Comercial de Lisboa

Banco Aliança
Banco Espirito Santo
Banco Pinto & Sotto Maior
Fonsecas, Santos & Vianna
Borges & Irmão
Montepio Geral

Havendo rateio, este será feito e anunciado até ao dia 19 de Junho próximo, data a partir da qual os subscritores poderão receber as cautelas definitivas e as diferenças entre a importância total da primeira prestação que tiverem pago, e o montante dessa prestação relativa às obrigações que lhes couberem por virtude do rateio.

Lisboa, 29 de Maio de 1930.

No Coliseu

Dois sensacionais concertos do
Orfeão do PortoCorais dos grandes autores clas-
sicos, rapsodias portuguesas,
fados e guitarrões

O publico de Lisboa vai ter esta noite uma agradável surpresa, travando conhecimento com uma das mais brilhantes organizações artísticas de Portugal, o velho e glorioso Orfeão do Porto, que nas suas inúmeras apresentações em varias terras do país e em Espanha tem obtido triunfos magníficos, classificando-se entre os melhores agrupamentos corais da actualidade. O Orfeão do Porto, composto de 110 figuras, e dirigido por um musico distintissimo, o maestro Raul Casimiro, dá hoje no Coliseu um grandioso espectáculo com um programa admiravelmente organizado, em que figuram, além da parte propriamente orfeonica, com corais celebres dos melhores autores, como Beethoven, Bach, Chané e outros compositores portugueses e estrangeiros, antigos e modernos, dois actos de concerto vocal e instrumental, nos quais colaboram distintos cantores e apreciados executantes de piano, flauta, etc. Uma das partes do programa destinada a provocar especial entusiasmo é a que é constituída por fados cantados á guitarra e viola, e variações á guitarra por exímios cantadores guitarristas.

Amanhã realiza-se o segundo e ultimo concerto, com programa diferente do de hoje.

Não deixe de
lêr o

KINO

á venda em toda a
parte, por 50 centavos.

Policlínica Central de Lisboa

Para as classes pobres
Praça Luiz de Camões, 22, 2.º Esquerdo T. 1043
Dr. Borges de Sousa—Doenças dos olhos—10 horas.
Dr. Henrique Bastos—Rins e ap. urinario—11 h.
Prof. Egas Moniz—Nervosas e mentais—3.
Dr. Carlos Salazar de Sousa—Doenças das crianças—Ambulatório de Pediatria da Faculdade de Medicina—2.
Dr. A. Burgoete—Estomago e intestinos—12 h.
Dr. Santa Anna Leite—Ovidos, nariz e garganta—12.
Dr. Albino Varente—Pele e sífilis—1 h.
Dr. Figueiredo Valente—Medicina geral, co. ração, pulmões—1 h.
Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral—3.
Dr. Oliveira Lages—Diatermia, raios ultra-violeta, massagens, etc.—1 h.
Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras—4.
Dr. Vítor Marques—Boca e dentes—10.
Dr. Eduardo Gomes—Cirurgia e nutrição—10.
Dr. Custodio Teixeira—Análises clinico a

A SEMANA CINEMATOGRAFICA

OS FILMES

em exhibição nos cinemas de Lisboa

A's vezes, pergunto a mim proprio porque razão descrevi alguma vez do cinema sonoro. A esse tempo era como surdo, como cego são aqueles para quem a vida se resume a ouvir sinfonias e concertos. Não me arrependo. Essas mutilações são necessárias. Pude assim conhecer profundamente, isolando-me na sua apreciação, toda a beleza visual que nos proporciona o espectáculo cinematografico, hoje provido dos sons—e amanhã do relêvo, das cores...—que sei eu e os homens? E a película visual é ainda, e se-lo-ha, como o latim na cultura novecentista—a «basesinha».

«Prémio de beleza», o primeiro fonofilm que nos proporcionou um espectáculo fonovisual completo, infunde-nos respeito e admiração em partes desiguais, embora não saibamos distinguir se mais respeito, ou mais admiração.

O facto, conhecido de ante-mão, de se tratar dum filme sonorizado «après-coup», aumenta mais ainda a nossa convicção nas infinitas possibilidades do novo espectáculo. Algumas cenas, graças á habilidade profissional e ao gosto artistico de Augusto Genina, impõem-se pura e simplesmente, como a admirável scena do fotografo na feira de Neuilly, e o maravilhoso final, em que o milagre do fonocinema é mostrado demonstrado á evidência.

Os complementos Paramount que acompanham «Prémio de Beleza» são duplamente notáveis: pela pureza da sua sonoridade, e pelo mérito de Eddy Peabody, com um banjo nas mãos, consegue ser superior a Harry Reser. E Lillian Roth, a nova estrela da Paramount, muito bem acompanhada, declama e canta «jazz» como o melhor discipulo de Ted Lewis.

Ainda não tivemos ocasião de apreciar directamente o novo fonofilm estreado no Royal, «Alma Andaluza», segundo «La Bodega» de Blasco Ibanez, mas temos d'elle as melhores referencias. Benito Perojo, espirito despojeado e empreendedor, é uma espécie de Leitão de Barros da vizinha Espanha. Isto é: um artista, capaz de evocar no cinema, sem trações nem chatezas, o pitoresco encantado da sua linda terra. E a voz de Conchita Piquer, que vimos e ouvimos «em carne e osso», é sufficiente garantia do interesse do filme.

No capitulo silencioso, a assinalar uma estrela realmente notavel: «A Revolução de Dezembro». Realizaram-na Konzinzov e Trauberg, dois jovens realizadores russos que fundaram em Moscova a «Fex», ou seja a «Fábrica dos Excéntricos». Para elles, tudo deve sacrificar-se á beleza visual da imagem. Ora essa teoria, longe de diminuir a emoção da historia, realmente emocionante, que expõem no seu filme, aumenta-a consideravelmente, levando-a a um nível muito superior ao das realidades comestinas. O ritmo, voluntariamente lento, estilizado, em que representam as suas perso-

nagens, é compensado pela extraordinaria leveza da montagem, duma concisão, duma flexibilidade insuperaveis.

Konzinzov e Trauberg são dois eslavos com almas de latinos. O seu filme é, acima de tudo, uma obra europeia, digna de figurar no livro de ouro do cinema europeu.

«Abaixo os homens!» a comédia de Georg Jacoby que acompanha no mesmo programa «A Revolução de Dezembro», faz-se notar pela graciosa intenção do seu argumento anti-feminista, pela excelente fotografia, e pela interpretação de Elga Brink, Werner Fuetterer, Paul Horbiger e Curt Vespermann.

Clara Bow já dispensa apreciações da critica. A sua radiosa juventude, a sua insuportável «espéglerie», a que sabe misturar uma pontinha de sentimentalismo indigestível á composição de uma menina séria, embora ás vezes pareça que o não é, são das mais seguras etiquetas para o éxito dum filme. Esse contraste parece-nos todavia demasiadamente accentuado em «Chegou a esquadra!», o que nos faz sofrer a impressão, por vezes desagradavel, dum banho turco. Essa desorientação de sentimentos é agravada pelas legendas que conseguem tornar equivocas até á grosseria cenas deliciosas, como, por exemplo, a da escada.

Ao lado de Clara Bow, James Hall, como Neil Hamilton ao lado de Bebe Daniels, adquire uma ginstica favoravel á sua personalidade de galá.

Pola Negri está velha e declinante. Isso talvez não seja um inconveniente para desempenhar a figura de Rachel, a famosa actriz franceza. Mas é-o, e muito grave, para a visão, nem sempre agradável, dum filme como «Amores duma actriz», fantástico demais para «vie romances», monotonos demais para romance puro.

«O Castelo da Morte» lenta, como «Caligaria», como «Nosferatu», como «O carro da morte», já teve a sua época. Os filmes de terror, como os filmes policiaes, como todos os filmes, como tudo—evoluíram. O modelo que hoje serve ou, melhor, o modelo que servia ultimamente, era o modelo Paul Leni, Frank Tuttle ou Roy del Ruth: meio sério, meio brincalhão.

«O Castelo da Morte lenta» é um filme antigo, e um filme francês, o que não são grandes recomendações. Mas não lhes mentimos, dizendo que no espectáculo que hoje nos proporciona encontramos um sabor «histórico», um sabor de curiosidade, que não nos foi de todo desagradavel. E os saudosistas, os que choram o belo silencio e as ricas fitas mudas, têm aqui uma excelente ocasião para resmungar, como o coelho da revista: «Bons tempos, meu patrão! Bons tempos...»

RETARDADOR

Termas do Gerez

GRANDE HOTEL DO PARQUE
GRANDE HOTEL UNIVERSAL
GRANDE HOTEL MODERNO

Os melhores da Estancia

Esplendido parque, jardins e tenis — Excelentes e luxuosas instalações — Quartos com
apartamento e agua encanada quente e fria — Almoços e jantares-concerto
— Muecas todas as noites — Cozinha primorosa com e sem dietas

Propriedades da EMPRESA HOTELEIRA DO GEREZ, Lda.

que pelas suas instalações, comodidades, esmerado tratamento e boa organização dos serviços, A PAR DA MODERNA DE PRÍNCIPES, se tem imposto á consideração e apreço de todos os seus frequentadores.

Serviço de ligação com a O. P. BRAGA-GEREZ e vice-versa com camionetes de luxo aos principais comboios — Automoveis de aluguer e garagens
Escritorio em Braga: AUTO-PALACE — Avenida da Liberdade, 42
Telegramas: HOTELEIRA-BRAGA - GEREZ Telefone: BRAGA 232

Desportes

A Hnal

Amanhã, no Campa Grande, disputa-se o título maximo do foot-ball português.

Fazer prognosticos para amanhã? Impossível. Gostariamos, como filho de Lisboa e como todos os filhos de Lisboa, que o Benfica vencesse, não por ser Benfica, mas por ser o representante da capital.

Abatam-se as bandeiras clubistas, esqueçam-se os odios e malquerenças e façamos votos para que de Lisboa não saia o título de campeão de Portugal.

Se o Barreirense ganhar, váo para ele, as nossas sinceras saudações desportivas.

Dissémos em tempos que com arbitros bons não ha encontros maus.

O encontro de amanhã deve ser bom, deve ser jogado dentro das normas do bom foot-ball, porque tem a arbitragem Silvestre Rosmaninho, um dos melhores e mais competentes arbitros portugueses.

O jogo começa ás 17 horas.

Taça Salazar Carreira

Inaugura-se amanhã em Lisboa a época do atletismo em pista.

A taça Salazar Carreira, prova de estafetas de três concorrentes: um «senior», um «junior» e um «princípante», encorrem os nossos melhores clubes da especialidade: o Sporting, o Benfica, o Club Internacional de Foot-ball e os Belenenses.

As provas começam ás 14 horas prefizas, no Estadio de Lisboa, e o programa é o seguinte:

3X80, altura, 3X1000, disco, comprimento, péso, 3X300, dardo e 3X3000.

As provas terminam antes do foot-ball dando margem a que o publico possa assistir a ambos os espectaculos desportivos.

Noticias diversas

Realiza-se amanhã o passeio nautico ao Portinho da Arrabida, promovido pelo Club Nacional de Natação. A lotação do vapor «Vitoria» esgotou-se. No Portinho da Arrabida realizar-se-hão provas de natação, havendo medalhas de prata e cobre para os vencedores. Realizar-se-ha depois o desembarque, havendo em terra uma interessante jinkana, seguida de pic-nic.

Realiza-se amanhã em Pago d'Arcos um torneio de tiro aos pratos, sendo postas em disputa duas valiosas taças.

Iniciam-se amanhã as aulas praticas de vela a bordo do «Marilyne», barco-escola do Clube Nautico de Portugal. O embarque faz-se em Pedrouços, ás 10 horas e meia.

A pedido da comissão de festas de Vila Franca de Xira, as provas nauticas que a Associação Naval de Lisboa levava a efeito naquela villa, só têm lugar no dia 8.

Começam amanhã os jogos do Campeonato de Lisboa de Fox-ball, na sede do Maria Pia Sport Club. Os primeiros jogos terão lugar ás 22 e 30.

Pediu a demissão de seleccionador o sr. Eduardo Costa, representante de Lisboa no respectivo Comité de Selecção. Consta que a isso foi levado por discordar em absoluto das opiniões dos seus colegas do Porto e de Setubal. Lisboa já não pesa nada na balança foot-ballistica do país! O que vale é que os teams de Lisboa triunfam.

Continua amanhã a disputa do campeonato infantil de foot-ball, organizado pela Associação de Foot-ball de Lisboa.

As provas de atletismo que amanhã se realizam no Estadio são organizadas pela Associação de Atletismo de Lisboa. Quer isto dizer, que são bem organizadas, pois que o ano passado as organizações daquela Associação foram impecaveis.

Corre o boato de que alguns jogadores seleccionados para irem á Belgica pediram escusa do passeio. A vér vamos.

II aniversario de «Cinéfilo»

Completoou dois anos de existencia o semanario cinematografico «Cinéfilo», comemorando o facto pela publicação dum numero duplo de 64 paginas, que teve a gentileza de nos enviar.

Profusamente illustrado e com copiosa leitura, merece todas as atenções. Os nossos parabens e os melhores votos de prosperidade.

Como cronómetros
funcionam os motores
empregando

Auto-Gazo

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Óleos Gargoyla Mobiloil



CARTAZ**TEATROS**

Nacional—A's 21,45—«Revolução».
Ginásio—A's 21,45—Recita do Gremio Alentejano—Espectáculo variado.
Apoio—A's 20,30 e as 22,30—«Senhor da Serra».
Avenida—A's 20,45 e 22,45—«A bola».
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,50—«Pé de vento».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«A Parodia».
Jollison—A's 21—1.º concerto do Orfeon do Porto.
Luz (Parque Mayer)—A's 21—«The Yankee».

ANIMATO GRAFOS

31. Luz Cine—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Olimpia—A's 15 e as 20,30.
Central Cinema—A's 21.
Cinema Odeon—A's 21.
Odeon—A's 21.
Royal Cine, Rua da Graça, 100—A's 21.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina)—A's 20,30.
Galão Ideal—A's 20,30.
Eden Cinema—R. Alvilto.

Dancing's

Maximo's—Balle e Variedades.
Bristol Club—Balle e Variedades.

TEATRO AVENIDA**HOJE — DUAS SESSOES**

às 8,45 e 10,45

Grande êxito da fita sonora e sincronizada

A Melodia do Pavor

e a linda revista

A BOLA**Termas de Melgaço****CORPO CLINICO**

Prof. Mark Athias

Dr. Silverio Ferreira Gomes da Costa

Assistente da Faculdade de Medicina

FUNCIIONAM de 1 de Junho**a 30 de Setembro estas magnificas termas, notaveis para o****tratamento dos diabetes, cloro-****anemiados, artriticos, dispepti-****cos, ulcerados do estomago, en-****teriticos, albuminicos, neurast-****henicos, histericos, etc.****Balneario com todo o conforto****APOPLEXIA PARALISIA**

Angina do peito, velhice prematura e mais doenças originadas pela ARTERIO-SCLEROSE, curam-se de um modo perfeito e radical e evitam-se tomando RUOL.

Os sintomas indicadores destas doenças são: dores de cabeça, cainbras, zumbidos nos ouvidos, falta de tacto, formigueiros, esvaimentos, vontade frequente de dormir, perda de memória, irritabilidade de carácter, congestões, hemorragias, varizes, dores nas cruzes, fraqueza, que desaparecem com rapidez usando o RUOL.

E' recomendado pelos melhores medicos de Portugal e Espanha, suprime o perigo de ser vítima de uma morte repentina, não prejudica nunca por prolongado que seja o seu uso, e os seus resultados prodigiosos manifestam-se ás primeiras doses, continuando as melhoras até total restabelecimento, logrando-se uma larga existencia e saúde invejavel. Frasco 38\$000.

Vende-se nas principais farmacias e drogarias do país. Depósito geral: Rua do Almada, 91, 2.º Porto. Casa J. C. Guimarães & C.ª, Lda.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

VIDAGO e PEDRAS SALGADAS

As grandes e melhores estancias de repouso e cura de doenças do estomago, rhins, tigrado, diabetes, asthma, artritismo, etc.

VIDAGO

Director clinico.....

Adjunto.....

Prof. Moraes Sarmento

Dr. Ismael Gambôa

HOTEIS

ESTAÇÃO TERMAL, de 1 de Junho a 10 de Outubro. Distância de Lisboa, 503 kilometros, e do Porto, 156 kilometros. Distância de Pedras Salgadas, 12 kilometros por estrada surpreendente e caminho de ferro, carreiras de autobus e automoveis de aluguer. Serviço de comboios rapidos desde 1 de Junho. Clima suave, sem bruscas mudanças de temperatura.

PARQUE — Com o seu esplendido lago para regatas, jogos ao ar livre, tenis, patinagem, croquet e outras muitas distrações.

PEDRAS SALGADAS

Director clinico.....

Adjunto.....

Dr. Cascão d'Anciães

Dr. Mario Bernardes Pereira

HOTEIS

ESTAÇÃO TERMAL — de 1 de Junho a 10 de Outubro. Altitude 600 m., acima do nível do mar. Distância de Lisboa, 495 kilometros, e do Porto, 141 kilometros. Distância de Vidago, 12 kilometros, por estrada pitoresca e caminho de ferro, carreiras de autobus e automoveis de aluguer. Serviço de comboios rapidos desde 1 de Junho. Clima de montanha, media altitude extraordinariamente calmanete.

PARQUE — Jogos ao ar livre, tenis, patinagem, croquet, lago para regatas e outros atractivos.

CONCURSOS HIPICOS OFFICIAES — Dos mais brillhantes e concorridos do país, de nacionais e hespanhoes, em esplendido campo expressamente apropriado.

CASINO — Salas de baile, de jogos, cinema, variedades e representações, concertos, festas a Americano, etc.

Explendido sexteto com jazz.

Reservação de 20 \$ em nos hotéis acima mencionados, desde a data da abertura até 30 de Junho.

Consideraveis melhoramentos nos balnearios das estancias de Vidago e Pedras Salgadas com as mais modernas instalações de electro-terapia.

Balnos X, laboratorios para analyses completas e outras, larmacia, etc.

Agua notavel abundantissima e magnifica, recentemente captada, tanto em Pedras Salgadas como em Vidago.

Ligações ferro-viarias facéis, com comodidade de restaurantes, diariamente, de Lisboa e Porto, em carruagens directas a Regoa, e seguimento rapido, tambem em caminho de ferro, até ás Estancias.

Quaesquer informações sobre hotéis, devem ser pedidas aos seus concessionarios, que melhor poderão, de pronto, prestar esclarecimentos.

A agencia Funeraria S R A F

(VULGO AGENCIA DAS PEDRAS NEGRAS)

prima por fazer preços inferiores á concorrência

Funerais completos de adultos, para coval separado, desde 160\$00
Funerais completos de adultos, para jazigo (em chumbo de lei), desde 80\$00
Perante os nossos preços ninguém tem o direito de dizer que os funerais são caros

SO OS PAGANDO CAROS, QUEM QUIZER**A SRAF orgulha-se de ter feito uma verdadeira revolução nos preços dos funerais**

Funerais a preto e a prestação, modalidade até hoje só empregada por esta casa

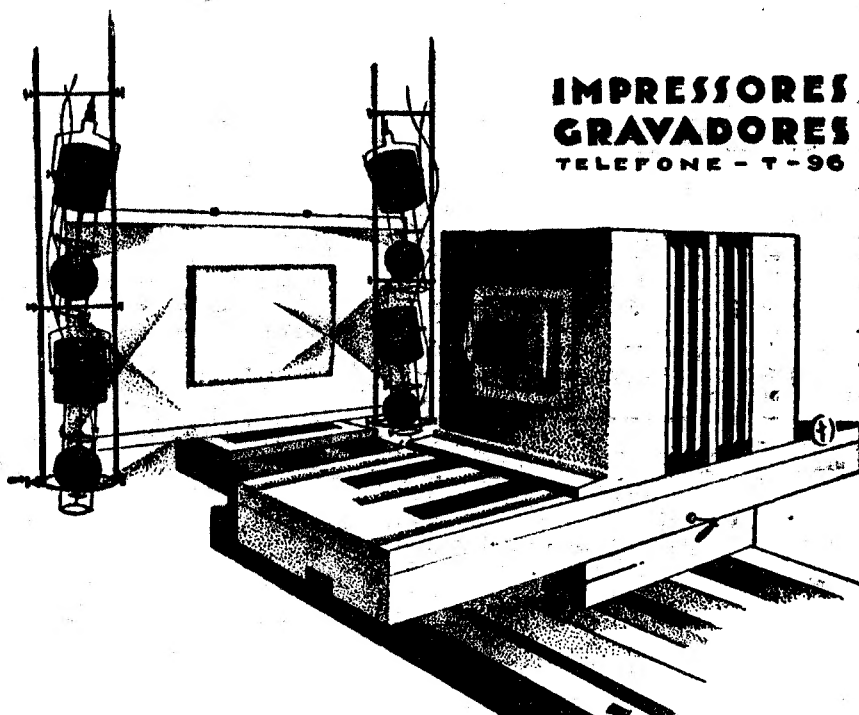
Direcção de Octavio Lopes, ex-proprietario das Agencias Funerarias

Francisco Rodrigues e Bernardino Domingos**Rua das Pedras Negras, 5, 1.º**

(NÃO CONFUNDIR O NUMERO)

LISBOA

Telefone C. 3645



**IMPRESSORES
GRAVADORES**
TELEFONE - T-96

BERTRAND IRMÃOS, L.ª**TRICROMIA — FOTOGRAVURA — ZINCOGRAFIA — DESENHO****SECÇÃO ESPECIAL DE GRAVURA PARA JORNAIS****Trabalhos Tipográficos**

Composição Mecânica e Impressão de Catálogos, Revistas, Postais, etc., etc.

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tonico reconstituente, levanta as forças, dá robustez, e é empregado com êxito por todos os convalescentes

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias

DEPOSITO

GERAL:

FARMACIA FRANCO, FILHOS
R. de Belem, 18 a 22 — LISBOA.

Armazens de Móveis do Calhariz

DE

Paixão Carvalho, Ltd.

As nossas mobílias de casa de jantar (estilo holandez) e de outros estilos, são de fabrico esmerado e tem satisfeito os mais exigentes.

Digne-se V. Ex.ª visitar a nossa Exposição

Grande sortido em Oleados, Carpets, Tapetes e Passadeiras

26, LARGO DO CALHARIZ, 28

Telefone T. 805

Restaurant Club
R. Serpa Pinto, 12, 1.
Esmerado serviço à lista e mesa redonda
Gabinetes

ESTRANGEIRO

SUM
O limpa metais
que convem

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Imprensa britânica

LONDRES, 31.

A quarta conferência da Imprensa Imperial começa na próxima segunda-feira, devendo prolongar-se por todo o mês de junho.

Além das sessões da conferência, os delegados têm um grande número de recepções e banquetes, que vão ser oferecidos em sua honra.

Em seguida à sessão inaugural da conferência, que se realiza na segunda-feira, em Grosvenor House, o Lord Mayor de Londres dará uma recepção em Guildhall, seguida de um banquete oferecido no mesmo lugar pela Imprensa britânica, ao qual preside o deputado major Astor.

Na terça-feira os delegados assistem à parada da guarda a cavalo, donde seguem para o almoço que lhes é oferecido pela Empire Parliamentary Association, em Westminster Hall, a que preside o «speaker» da Câmara dos Comuns, ao lado do qual se sentarão o Lord Chancellor e o Chancellor do Tesouro.

O acontecimento de quarta-feira será a visita ao campo de Epsom, onde vão ver correr o «Derby».

Mais tarde, os delegados terão oportunidade para assistir às corridas de Ascot, um dos maiores acontecimentos da época.

O Rei e a Rainha recebem os delegados no Palácio de Buckingham, em 24 de junho.

Em 26 de junho os delegados visitam Portsmouth, onde assistirão a uma demonstração naval e em 28 vão ver uma exibição das forças aéreas em Horden.

Durante o mês os visitantes inspecionam os escritórios dos jornais de Londres e da província, visitando também Oxford, Edimburgo e terra natal de Shakespeare, Stratford on Avon.

Com respeito aos trabalhos actuais, a conferência vai ocupar-se de importantes assuntos de aspecto inter-imperial, entre os quais a redução das taxas telegráficas e radio-telegráficas e o melhoramento das facilidades de comunicação e ainda uma publicação mais completa das notícias dos Domínios da Imprensa Britânica.

Use a **MAZDA**
lâmpada

TAXIMETROS (RLO)
Serviço permanente
Telef. 9 Estoril
GRANDE HOTEL ESTRADA

Manuel Canito
(galinheiro)
FALECEU

Maria Luiza Curta, José Canito, Manuel Canito Junior, Antonio Canito e mais família, cumpram o doloroso dever de participar aos seus parentes e pessoas da sua amizade, que faleceu seu chorado marido, pai, sogro e avô, cujo funeral, que sai da residência de seu filho na Calçada de Sant'Ana, 164, 2.º, tem lugar amanhã pelas 15 1/2 horas, para o cemitério dos Prazeres sendo o acompanhamento de carro e a pé. Esperam lhes honrem este acto com a sua presença.

Funeral a cargo da Agência Gomes, Calçada de Sant'Ana, 152. Telef. N. 2526.

CARTA DO RIO DE JANEIRO

Estatística da migração entre Portugal e o Brasil

A emigração não pode deixar de ser considerada um mal, pois seria preferível que os portugueses encontrassem facilidades de vida na própria terra ou facilidade de colocação nas nossas colónias. Mas a emigração é um fenómeno, ou uma fatalidade, a que nenhum povo da Europa hoje se subtrai e que não se combate com artigos de jornal. O mal da nossa emigração, porém, não se me afigura tão grande quanto em Portugal se proclama.

Em relação ao Brasil:

Aqueles que aí têm combatido a emigração para este país só consideram o número dos portugueses que saíram. Nos jornais há mesmo uma epigrafe já consagrada: «o exodo». O número dos que reverterem à Patria nunca é devidamente considerado; e ainda menos o são os benefícios que da nossa emigração resultam para a economia do país. E' corrente ouvir-se que, dos portugueses que vem para o Brasil apenas vinte por cento regressam. Eu próprio, à força de tanto o haver lido e ouvido, estava também disso persuadido até há pouco tempo. A realidade, entretanto, é bem diferente. E' a nossa estatística que o demonstra. Uma das vantagens de haver hoje uma estatística bem organizada e regularmente publicada, é essa de se poder destruir a velha lenda de que se perde a maior parte da nossa emigração para o Brasil. A verdade é que *pode ser calculada em três quartas partes a que regressa*. Vejamos:

Nos primeiros nove meses de 1929 (ainda não conhecemos, aqui, a totalidade desse ano) saíram para o Brasil 21.192 e regressaram de cá 16.397 portugueses. Assim, da nossa gente emigrada para este país, *apenas vinte e quatro por cento cá ficou*. Não se pode, nem eu pretendo, tirar conclusões definitivas de um tão curto período. De mais, poderia ser atribuída à actual crise brasileira uma maior repatriação de portugueses. Vejamos, porém, o que nos diz a estatística brasileira, tomando por base cinco dos últimos anos de maior prosperidade neste país, época naturalmente mais propícia à fixação do imigrante:

Nesses cinco anos — 1921 a 1925 — entraram no Brasil 157.708 e saíram 122.968 portugueses, tendo-se fixado cá apenas 34.740, ou seja uma percentagem de apenas *vinete e dois por cento*. Isto é: *ainda menos dois por cento* do que acusa a estatística portuguesa, o que significa que nem naquela época de grande prosperidade no Brasil os portugueses cá se fixavam em maior escala.

Mas há também a considerar o facto de nem todos os portugueses que figuram naqueles números migratórios poderem ser considerados emigrantes. No ano de 1925, por exemplo, o número de portugueses aqui entrados foi de 30.576; *mas só 21.593 foram considerados emigrantes, por viajarem em terceira classe*. Houve, portanto, 9.000 portugueses que viajaram em classes superiores; e, quanto a estes, não se pode negar, por que são bem visíveis, os benefícios que eles levam à economia nacional.

Assim se demonstra que a realidade é bem diferente do que muita gente presume, e que não há motivo para um tão rude combate à emigração para o Brasil, — pelo menos enquanto se não proporcionar trabalho no continente ou nas colónias aos portugueses que sintam necessidade de procurar pão na terra estranha. Estes, tenho afirmado e sustento, têm todas as vantagens em procurar o Brasil. O nosso próprio interesse nacional e político o aconselha. A evidência dessas vantagens tornaria superflua qualquer demonstração.

Mesmo quanto à nossa emigração em geral, não vejo motivo para tanto alarme. Parece que já esquecemos a escala ascendente em que ela se vinha fazendo antes da guerra. Só no ano de 1913, saíram de Portugal cerca de *noventa mil portugueses*, dos quais, 76.701 vieram para o Brasil, o que representa muito mais do dobro da nossa emigração actual.

Será, afinal, a emigração portuguesa uma calamidade tão grande quanto em Portugal geralmente se supõe ou proclama?

CARVALHO NEVES

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Uma canôa afundada

SANTA MONICA (California), 31.

A uma milha deste porto afundou-se uma canôa automovel, que fazia serviço entre o cais e dois barcos de pesca.

O desastre foi devido a excesso de carga, pois o pequeno barco conduzia 62 passageiros.

A maior parte dos naufragos foi recolhida por barcos de pesca, mas faltam 13, que se supõe terem morrido afogados. Encontram-se hospitalizados 22 dos passageiros da canôa.

Aviação tragica

SYDNEY, 31

Enquanto um aeroplano fechava um círculo e executava outros exercícios de acrobacia sobre a povoação de Tamswort, a hélice do aparelho desprende-se e o avião caiu perante os espectadores aterrorizados, na rua principal.

O piloto e o passageiro morreram.

Desastre de viação

SANTIAGO DO CHILI, 31.

Em Vina del Mar deu-se um choque entre um camião carregado de passageiros e um comboio. Deste acidente, que teve lugar em uma passagem de nível, resultaram seis mortos e um certo numero de feridos.

O «Conde Zeppelin»

LAKEHURST, 31.

O «Zeppelin», que tinha sido avistado pela primeira vez às 6 horas, chegou a este aerodromo às 6 e 25.



Se os experimentar jamais
os podera dispensar

CIGARROS

CRAVENA

Importadores Viuva Contreras & Filho.

POLICLINICA DO RÓCIO

PARA CLASSES POBRES

Camões, 19 (ao Rocio) — Telef. N. 2747

DR. A. PINA JUNIOR — Clínica geral e das crianças — 14 h.

DR. CAMOSSA SALDANHA — Rins e vias urinárias — A's 11 h.

DR. CANCELA DE ABREU — Medicina geral, doenças nervosas — 17 h.

DR. CORDEIRO BLANCO — Doenças dos olhos — 11,30.

DR. F. MARTINS PEREIRA — Medicina geral, coração e pulmões — 15,30 h.

DR. OLIVEIRA MARTINS — Doenças das senhoras-gravidez, às 15.

DR. JOSE PAREDES — Cirurgia geral, operações — 16 horas.

DR. CORDEIRO LOBATO — Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.

DR. JORGE FALCÃO — Pele e sífilis — 14,30 h.

DR. GENTIL BRANCO — Raios X.

DR. GONÇALVES VITERBO — Doenças de boca e dentes, às 17 horas.

Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanização, massagem e gymnastica medica.



Fogões a gaz, electricidade, lenha ou mixtos

AGENTES GERAES: R. NOVA DO ALMADA, 36, 3.º E.

Tel. C. 2864 — LISBOA

ODEON HOJE
às 21 horas
A formidável epopeia histórica
A Revolução de Dezembro
A sugestiva comédia-vaudeville
Abaixo os homens!!

ULTIMAS NOTICIAS

O que é a moda em chapéus
para Senhoras?
Visite V. Ex.^a o
Salão Aureo
246, Rua do Ouro, 248

UM ORIGINAL PORTUGUÊS

NO TEATRO Almeida Garrett

estreou-se uma peça

A peça do sr. Henrique Galvão deve encarar-se sob dois aspectos: o literário e o político. Desde já, com toda a franqueza, devemos declarar, sem qualquer *parti-pris*, pelo contrario, com o sincero desejo de esclarecer o novel autor, que nem um nem outro nos satisfizeram.

O sr. Henrique Galvão seria, como dramaturgo, mais simpático para nós, se, frente a frente, abordasse o problema que o titulo da sua peça deixa entrever, atraindo-o para a direita ou impelindo-o para a esquerda. Sabermos, então, ao que tinha vindo. Responderíamos as suas ideias, mesmo que elas fossem diferentes das nossas, porque quem escreve, servindo uma doutrina, gosa a liberdade em toda a sua latitude. Mas, não! O sr. Henrique Galvão descaracterizou os personagens; fez o vacuo pneumatico nos ambientes; tornou vago, impalpavel e disperso o dialogo, de tal maneira que tudo isso resvala, sem interesse, não agradando a gregos nem a troianos. Mas, dirá o sr. Henrique Galvão, o que eu quiz foi condenar as transposições bruscas da vida social, venham donde vier, o que é discutível. Como se tem feito a marcha dos povos? Reduzo a esta pergunta o muito que teria aqui a dizer sobre o assunto.

Condenar essas agitações não basta; o que é preciso é convencer o publico da sua inutilidade. Saiu, ontem, alguém do Nacional convencido disso? Não, porque a peça não tem em si elementos bastantes de sugestão, nem argumentos, nem uma doutrina, nem uma filosofia, de ordem social, forte para se impôr como verdade, capaz de abalar fundamentos de almas.

Fazer intervir o *altissimo* na intelligencia dos homens, aceitava-se no teatro antigo.

Agora, ouve-se a jaculatoria com um sorriso. Dirá ainda o sr. Henrique Galvão: fiz erguer uma mulher portuguesa, bandeira de paz entre os homens desavindos. Acreditaria nela, se fosse mãe, vítima sacrificada da politica, reduzida a miséria e á beira da prosituição, como tantas para salvar os filhos da fome, enquanto o marido, lá longe, no exílio...

Uma dessas biografias reais, sim, impressionar-me-lá, porque seria humana e verdadeira na sua espantosa força de emoção, de sacrificio, e de dignidade amoral. Essa figura de intenso sentimento substituiu-a o autor por uma filha familia, de caracter oscilant, sem talhe místico que, no momento oportuno, aparece a falar em Deus, quando seria mais nobre que ela, de facto, quizesse salvar o pai das garras do inimigo, imolando-se ou humilhando-se. E não está certo que ela, no ultimo acto, hesite em entregar ao pai o dinheiro que o salvaria da desonra, opondo-lhe a sua caridade particular.

Elogiou-se o segundo acto. Não sei porquê! Se o autor quiz fazer a caricatura duma conspirata, andou mal em não insistir; se quiz dar o ambiente, falhou, porque carece de vida e daqueles traços pittorescos, que os ha, — é bom acatular — deve-os haver, — além do noticiário dos jornais. E' por tudo isto que a peça *Revolução*, apenas no titulo me deu uma sensação de vazio e de obscuro. Quanto á maneira como está escrita, sente-se que o autor sabe dialogar. Pena é que não jogue com ideias, mas com frases, que não apareça, de facto, esse plano dum Portugal maior, a que Raul de Carvalho alude no ultimo acto. Vencem os novos, diz-nos Henrique Galvão, mas de que maneira? Quais os ideais de que são portadores?

Desempenho integral e nobres palmas ao autor, que foi chamado ao proscenio.

ARTEUR PORTUGAL

UM CAVALEIRO FIDALGO

A FIGURA INCONFUNDIVEL de Dom Ruy da Camara

o «az» dos ferros curtos
nunca mais brilhará nas nossas praças

Quando Dom Ruy da Camara, o filho do Conde da Ribeira, anunciou, por intermedio do *Diario de Lisboa* que se ia fazer cavaleiro profissional, a «aficion» rejubilou.

E' que o fidalgo toureiro conseguiu marcar um lugar inconfundivel entre aqueles que nas nossas praças levantaram o publico, em tardes de quente entusiasmo e de verdadeira gloria.

Ninguém até hoje possuiu uma figura tão fina, tão naturalmente distinta, a tourear a cavallo. Ninguém como ele entusiasmou a «aficion», com as suas «tiras» admiráveis, com os seus ferros curtos inimitáveis, com o seu «temple» maravilhoso.

Ultimamente, Dom Ruy fez uma «tournee» aos Açores. E até nós chegaram os ecos dos seus triunfos.

— Não calculas como ele está toureando. A cravar bandarilhas a duas mãos, então, está imelhovel!

E foi nesta entusiastica impressão que caiu, como um balde de agua fria, esta triste noticia:

— Dom Ruy vai cortar a «coleta». E já vendeu todos os cavalos...

Numa sala do Club Tauromaquico, encontrámos Dom Ruy:

— Então sempre é verdade?

— E' verdade. Fui-me embora.

— Póde saber-se porquê?

Uma resposta que não nos convence, mas que paíra sempre durante a entrevista:

— Estou velho! Estou velho!

Sem cumprimentos, dissémos-lhe que a razão devia ser outra. Dom Ruy não respondeu, mas disse:

— Há varias maneiras dum toureiro se despedir: há os que se despedem «à francesa»; os que dizem que se despedem; e os que dizem quando lh'o perguntam: — Este é o meu caso. E sinto-me feliz porque o *Diario de Lisboa* me dá a oportunidade de participar a minha retirada ao publico — ao publico que foi sempre para mim tão carinhoso e entusiasta.

— Quantos toiros lidou em toda a sua vida?

— Uns 300.

— E qual toureou mais «a gosto»?

— Um de Concha y Sierra, em Barcelona.

UMA CASA DE LOTARIAS

O "VARETA" inaugurou um estabelecimento NA RUA DE S. PAULO

Joaquim Maria da Cruz «Vareta» é dos mais antigos e afortunados vendedores de lotarias, pessoa honrada e trabalhadora que de ha muito grangeou larga e assitua clientela. Para a boa fama de «Vareta» tem contribuido não só a sua proverbial seriedade mas ainda a feliz sorte que o acompanha; e como dispõe de numeros certos — «bonitos» e de boa venda — não lhe falta freguezia, tão certa e simpática como os numeros que ele vende.

Acontecia, porém, que Joaquim Maria da Cruz, dispondo de numeros certos e «bonitos», não dispunha de casa certa para a sua venda.

— Que opinião forma sobre os outros cavaleiros?

— Se dividirmos o toureiro a cavallo destes 30 ultimos anos, em três épocas — antiga, moderna e contemporânea — os meus preferidos são, respectivamente: Vitorino Frois, José Casimiro e João Nuncio. Mas sou amigo de todos, e com todos sempre me dei bem, fossem profissionais ou amadores.

— Em que fase está agora o toureiro a cavallo?

— No apogeu. Tourear melhor do que hoje é impossivel. E eu muito contribuí para isso, demonstrando que só com toiros puros se pode tourear de verdade.

— E não tem nenhuma preferencia?

— Motivos de amizade obrigam-me a calar. Mas, não posso deixar de dizer que João Nuncio domina o toiro a cavallo, como Joselito o dominava a pé.

— Qual é, no seu entender, o melhor toiro?

— Eu que acompanhei em Espanha a extraordinaria competencia entre Joselito e Belmonte, entendo que é todo o que provinha de Ibarra.

— Um episodio da sua vida de cavaleiro...

— Uma vez, em Bayonne, o empresario apareceu-me na vespera duma corrida, a pedir-me que arranjasse dois toiros e toureiros. Fômos buscar os toiros á Navarra, e chegámos quasi á hora da corrida. Casa á cunha. Toureiro só eu. Agarrei num pintor de portas e vesti-o de bandarilheiro. O primeiro touro morreu ao segundo rojão. Mas o outro «entablou-se», e eu gritava ao «bandarilheiro»: «— Anda Angel, ábrete el capote y sácame el toro!». Ao que o pobre homem respondia, atemorizado: «— Pero, Don Ruy: yo soy pintor!».

— Quem era o seu apoderado, quando andou toureando por Espanha e França?

— Manuel Acedo. Mas o verdadeiro apoderado. O moço de rojões, etc., foi sempre o incomparavel João Perestrelo, o querido «Mano João», de cujas historias desse tempo eu poderia escrever um livro capaz de fazer rir um morto...

NO TRIBUNAL DA BOA-HORA

UM HOMEM que foi julgado por ganhar uma aposta...

Respondeu no Tribunal da Boa-Hora, em audiencia presidida pelo juiz sr. Paulo Gomes, um individuo acusado de ter roubado uma saca com 100 quilos de milho, num estabelecimento de Loures. A audiencia decorreu por vezes no meio de grande hilariedade, provocada pelos ditos ingenuos das testemunhas, todas elas do concelho de Loures.

O acusado era o sr. Rodrigues Ferreira, figura alta e esguia, aparentando poucos recursos fisicos.

O queixoso, Julio Mauricio, é homem que cultivava o sport das apostas com os seus fregueses, como se provou pelo depoimento das testemunhas de accusação e defesa.

O reu declarou que o queixoso lhe havia dito que se ele fosse capaz de pôr ás costas uma saca com cem quilos de milho e levá-la até a casa sem descansar, podia ficar com ela.

— Eu fiz aquele sacrificio para ganhar a aposta. O queixoso acompanhou-me até á porta de minha casa.

O juiz interrogou o queixoso:

— Isto que o réu diz é verdade?

— Eu disse isso a brincar, sr. juiz, e não esperava que ele fosse capaz de agarrar na saca e ficar com ela.

A testemunha Manuel Maior, um saloio falador e amigo de fazer espirito, quando o juiz lhe perguntou se ele era de accusação, respondeu:

— Nem de accusação nem de defesa... Sou testemunha de vista!

— Isto que o réu diz é verdade?

— Eu disse isso a brincar, sr. juiz, e não esperava que ele fosse capaz de agarrar na saca e ficar com ela.

— Então diga o que viu.

— O Mauricio, que tem a mania das apostas e de ser homem celebre, disse ao Rodrigues que, se ele era capaz de pegar na saca, a levasse para casa. O rapaz pegou nela e pôs-se «a cavar». Eu fazia o mesmo!

— Isso passou-se assim?

— Sim, senhor. O Mauricio «botou» esta fala para o Rodrigues: «Se levares a saca, é tua». O rapaz ainda o foi procurar á noite, e disse-lhe que, se ele oferecesse uma cea e uns copos de vinho aos seus amigos que assistiram ao caso, lhe devolvia a saca. O queixoso não quiz. E foi isto o que se passou.

O reu foi absolvido.

Declaração

Anselmo Vieira faz publico, para todos os efeitos, que não se responsabiliza por quaisquer dividas que contrair seu filho Manuel Pinto Bastos Vieira.

DE LUTO

Maria do Rosario Santos de Noronha Barros

Faleceu hoje, ás 9 horas e meia, a menina Maria do Rosario Barros, filha do sr. Horacio de Noronha Barros, cujo funeral se realiza amanhã.

A familia enlutada os nossos sentidos pe-sames.

Costa do Sol

ALMOÇOS E JANTARES TODOS OS DIAS

Restaurante do Casino Internacional

MONTE ESTORIL

Tamariz Amanhã, 1, ás 16 horas

ESTORIL — Provas desportivas infantis —

Salto em comprimento — Saltos em altura — Corridas, etc., etc.

Premios aos vencedores — Brindes a todos

os concorrentes